

O misterioso jardim das plantas medicinais

Cientistas estudam vegetais considerados milagrosos, como quebra-pedra, embaúba, capim-limão e cogumelo-do-sol, entre outros, para verificar quais são benéficos, inócuos ou capazes de gerar graves efeitos colaterais

(Págs. 8 e 9)



A encontradora de serpentes, de Henri Rousseau



Cabeça com Óculos, de Dame Elisabeth Frink

Atletas em crise

Pesquisador analisa relação entre esportistas, depressão e homossexualismo
(Pág. 14)

Assistentes sociais discutem futuro promissor

(Pág. 11)

Pedagogia Cidadã atuará em 112 cidades

(Pág. 3)



Foto do pesquisador

Os contadores de histórias do Pantanal

Livro recupera narrativas orais repletas de mitos populares, lugares assombrados e contos maravilhosos

(Pág. 16)

Complexidade modernizadora

ÁLVARO MARTIM GUEDES

COLUNA
DO REITORAinda sobre
o Pedagogia Cidadã

Informações que me foram transmitidas pela Pró-Reitoria de Graduação indicam que se cadastraram, até 17 de maio, 112 prefeituras e 7.539 professores das respectivas redes municipais na primeira etapa do Programa Pedagogia Cidadã. Esse fato demonstra o sucesso dessa iniciativa, inédita no âmbito das exigências contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), que visa a formação de professores destinados à educação infantil e às séries iniciais do ensino fundamental.

Neste artigo responderei a duas perguntas que se colocam sobre o Programa. A primeira diz respeito à necessidade e à finalidade de participação da UNESP no Pedagogia Cidadã. A resposta é abrangente, mas, em rápidas palavras, afirmo que um dos pontos básicos de minha gestão à frente da Reitoria é fortalecer ações que insiram a Universidade na sociedade e, obviamente, não há como questionar o caráter social e educacional do Pedagogia Cidadã.

Por outro lado, o Programa se apresenta como uma possibilidade de alargamento das relações nossas com as prefeituras conveniadas. E, por fim, demonstra o amadurecimento da comunidade acadêmica que, ao realizar intervenções sociais dessa natureza, angaria para si novas e ricas experiências nos campos da participação social, da ética e da própria ampliação dos horizontes do conhecimento.

A Prograd informa-me que cerca de 130 professores com titulação de doutores, vindos de diversos câmpus da UNESP, inscreveram-se para tomar parte do Programa em diversos níveis: na preparação dos textos didáticos, ministrando aulas, dando vídeo-conferências, etc., ou seja, em colaborações de alto nível e, talvez sem precedentes, em programas com esse escopo.

A segunda pergunta é posta quanto à necessidade ou não da participação da UNESP em um Programa como o Pedagogia Cidadã. Aqui, cabe dizer que, sem a presença educacional da UNESP, dificilmente as prefeituras teriam condições de capacitar seus professores da rede. E mais, com certeza, mesmo que o conseguissem, o nível de qualidade do professor formado nessas condições seria mais baixo do que aquele que obteremos dentro do contexto do Pedagogia Cidadã.

Isto ocorreria porque é indiscutível a experiência e a qualidade pedagógica de nossa Universidade, além do conhecimento que possuímos da realidade do Interior paulista, onde contamos com inserção, por meio de nossos câmpus, em 16 cidades. Por conseguinte, as prefeituras investirão por um período superior a 30 meses em seu quadro docente e receberão, como retorno do Curso, uma formação de seus recursos humanos compatível com as expectativas criadas.

O perfil do novo profissional integrará sua experiência vivida em anos de sala de aula com as modernas concepções educacionais que a UNESP lhe proporcionará. O professor formado dentro dos parâmetros do Pedagogia Cidadã, portanto, possuirá uma visão geral ampla da sociedade, mas sempre inserida dentro do contexto da cidade ou da região em que atua.

Concluo afirmando que a semente está plantada e é irreversível. Sua importância para a melhoria da qualidade do ensino fundamental será mensurada nos próximos anos. Mas, seguramente, podemos dizer que surge um cenário novo e positivo dentro da realidade do ensino em São Paulo e no Brasil.

José Carlos Souza Trindade

A física hoje dita clássica, principalmente após as investigações de Sir Isaac Newton, nos apresentou um Universo previsível e estável. As investigações mais recentes nos revelaram outro totalmente oposto: imprevisível, instável e em constante transformação.

As novas formulações na física, principalmente nas investigações subatômicas, auxiliaram a revelar que as bases conceituais de nossos métodos investigativos e, até mesmo, de nossos preceitos sobre a vida humana em sociedade deveriam, em alguma medida, ser revistas.

Dentro desse contexto de revisão das bases de construção da ciência, é que se faz necessário discutir a Universidade Pública cotejando a complexidade e a incerteza. É obrigatório fazer uma permanente reflexão acerca do modus operandi de nossa instituição em conjunto com a estrutura que lhe dá apoio.

A ciência e a instituição universitária que a abriga logicamente caminham juntas e se moldam reciprocamente. É a partir dos departamentos de ensino que os cursos são construídos. Assim, esse eixo de segmentação permite e orienta a distribuição das cargas horárias e acaba por influir na forma das instâncias decisórias, que, por sua vez, autorizam as pesquisas e atividades de extensão.

A questão que se apresenta, e não podemos duvidar disso, é que muitas das nossas bases científicas estão sendo questionadas e, portanto, é pertinente rever a gestão das nossas Universidades naquilo que ela apresenta de dispersão inócua ou pulverização de inteligências.

Os demagogos de plantão, por exemplo, apresentam soluções que constituem ameaças a nossa autonomia e ao livre pensar, oferecendo o perigo de submissão a interesses de curto prazo com vistas a engordar margens de lucro. Não é tão simples. Não estamos diante de nenhuma paródia de faroeste em que o bem e o mal estão se enfrentando ao cair da tarde.

O imediatismo das soluções simplificadoras tem apresentado como via de solução propostas diversas, tais como aumento de verbas públicas, fim da estabilidade, cobrança de mensalidades, etc. Se, por um lado, todos reconhecemos que necessitamos de soluções para ampliar o acesso ao ensino superior condizentes com as desigualdades socioeconômicas de nosso País, por outro, sabemos que movimentos afoitos e impensados podem ser inócuos senão fatais e irreversíveis.

A lucidez, tão essencial na investigação, tem que prevalecer agora. A percepção que se deve ter é de que o reconhecimento de um fato novo, ou até um conjunto de fatos novos, se apresenta como novas possibilidades. A parca qualificação dos novos alunos ingres-

santes, a crescente participação relativa de aposentados nas despesas, a responsabilidade da autonomia financeira, a flexibilização curricular, etc. podem ser equacionadas por uma alternativa ao nosso alcance.

Se duvidarmos disso, nos paralisaremos, esperando que uma conjuntura futura nos propicie a solução. Em Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade, Boaventura de Souza Santos mostrou, de forma brilhante, a crise da universidade, indicando as três formas como ela tem se apresentado: crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional.

A mais tangível é a institucional, representada por nossa relação com o Estado. As outras, menos visíveis, vão nos conduzir a soluções criativas e revolucionárias. É a alternativa das tecnológicas do ensino a distância, da revisão radical dos conteúdos programáticos, das estruturas de cursos e dos projetos pedagógicos que estimula a nossa reflexão crítica sobre a nossa capacidade de educar.

O que podemos fazer é oferecer a todos novas oportunidades de trabalho — não mais centradas em rotinas e cumprimento de normas legais —, que permitam aos indivíduos aumentar sua produção social, potencializando assim a contribuição que cada um dos servidores das Universidades públicas pode oferecer para gerar e difundir conhecimento.



Naturalmente, essa busca de inovação no trabalho e a reflexão autocrítica sobre conteúdos curriculares será difícil de ser apresentada como uma proposta articulada de saída da crise. Aí está a dificuldade. É quase impossível indicar um meio exclusivo que dê conta do que está em jogo, ou seja, superar a crise da ciência que o abandono do paradigma cartesiano exige. Sair da crise, apresentando a complexidade como eixo de investigação consistente, fazendo-a presente em nossa gestão universitária, é o nosso desafio.

Álvaro Martim Guedes é graduado, mestre e doutor em Administração Pública, professor do Departamento de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, e assessor da Pró-reitoria de Graduação da UNESP.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: José Carlos Souza Trindade
Vice-reitor: Paulo Cezar Razuk
Pró-reitor de Administração: Roberto Ribeiro Bazilli
Pró-reitor de Graduação: Wilson Galhego Garcia
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Marcos Macari
Pró-reitor de Extensão Universitária: Benedito Baraviera
Secretário Geral: Osvaldo Aulino da Silva
Chefe de gabinete: Luiz Antonio Vane
Assessoria de Informática: Adriano M. Cansian e Gérson Francisco

Assessoria Jurídica: Sandra Julien Miranda
Assessoria de Planejamento e Orçamento: Herman Comelis Voorwald
Assessoria de Relações Externas: José Afonso Carrizo de Andrade
Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Luiz Marcos da Fonseca (FCF-Araraquara), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araraquara), José Antonio Segatto (FCL-Araraquara), Elizabeth Berwerth Stucchi (IQ-Araraquara), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Carlos Antonio Gamero (FCA-Botucatu), Marilza Vieira Cunha Rudge (FM-Botucatu), José Roberto Corrêa Saglietti (IB-Botucatu), Luiz Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo

Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá), Vicente Lopes Júnior (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Neri Alves (FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Maria Rita Caetano Chang (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Assessor chefe: Cesar Mucio Silva
Editor: Paulo Velloso
Redação: Genira Chagas e Oscar D'Ambrosio
Programadora Visual: Cristiane Tassi
Colaboraram nesta edição: Lara Lima e

Waltair Martão (reportagem); Amâncio Chiodi, Hélio Toth, Regina Agrella e Thor Crespi Amêndola (fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 20.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado quinzenalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: http://www.unesp.br/jornal/
Fotolito e impressão: GraphBox-Caran

Projeto beneficiará 112 municípios

Professores de nove unidades se cadastram

Além de oferecer ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade, a universidade pública tem o objetivo de contribuir para uma educação básica de qualidade. Em 2002 a UNESP sela este compromisso com a implantação do projeto Pedagogia Cidadã. De caráter institucional e sob responsabilidade legal e acadêmica da UNESP, ele visa a formação de 40 mil educadores, que já atuam na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, nas redes estadual e municipal, mas que não têm terceiro grau completo. “A construção de uma sociedade mais justa, pelo acesso a educação plena, é o verdadeiro papel da universidade pública”, enfatiza o reitor José Carlos Souza Trindade.

nove unidades já aderiram ao Pedagogia Cidadã. “Essa significativa participação de docentes comprova o engajamento da Universidade no aperfeiçoamento do ensino público paulista”, diz o reitor.

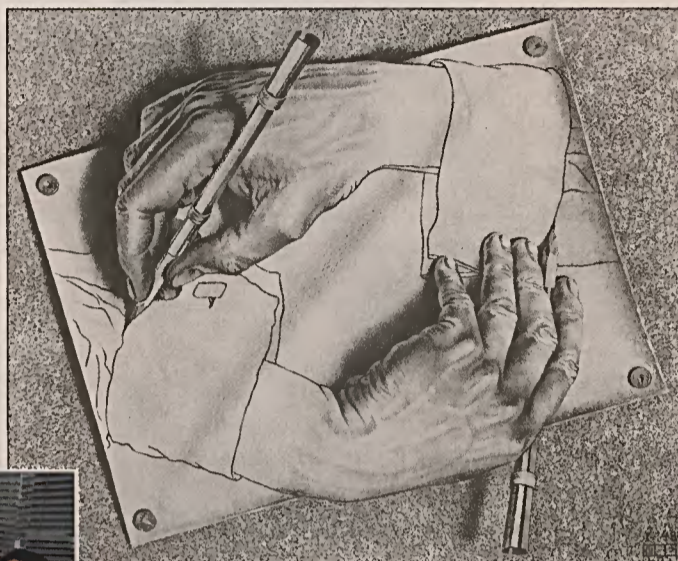
importante na atual fase do Pedagogia Cidadã”, afirma a professora da disciplina de Psicologia da Educação, da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauri e vice-coordenadora de Administração, Ana Maria Freire Marques.

A Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) fará a seleção, em maio, dos professores/alunos candidatos ao curso. A carga horária é de 3.200 horas/aula e o início está previsto para agosto. Até 17 de maio, o Pedagogia Cidadã será oferecido em 112 municípios. As prefeituras investirão cerca de R\$ 160 mensais por aluno, além das despesas com os equipamentos e adequação das salas de aula, estimadas em R\$ 140 mil.

Cada sala, preparada para turmas de 40 alunos, estará equipada com aparelhos para recepção de vídeo e teleconferência. Haverá, ainda, uma biblioteca e um laboratório de informática com aproximadamente 25 computadores conectados à Internet. As aulas, ministradas em três turmas diárias, serão em locais destinados pelas próprias prefeituras. “Para as prefeituras, a adesão ao projeto significa reafirmar o desejo de levar qualidade de vida aos seus cidadãos”, explica Lourdes Marcelino Machado, do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília e vice-coordenadora Acadêmica.

Ao se transformar em pólo gerador de aulas, cada unidade engajada ao Projeto receberá equipamentos para a montagem

da infra-estrutura necessária à transmissão das aulas. Esta iniciativa da UNESP dará, portanto, um grande impulso à modalidade de ensino/aprendizagem a distância, que até então era modestamente praticada pela instituição. “Agora a Universidade participará efetivamente na educação a distância”, diz a docente da disciplina Introdução à Computação dos cursos da Faculdade de Engenharia, câmpus de Ilha Solteira e vice-coordenadora de Recursos Tecnológicos do Projeto, Dalva Maria de Oliveira Villareal.



Mains dessin, de Escher



Amâncio Chiodi

Ana Maria, Lourdes e Dalva (da esq. para a dir.): vice-coordenadoras

Pedagogos e especialistas em diversas áreas da educação da UNESP concluíram a fase de elaboração do projeto e da grade curricular, planejada especialmente para atender profissionais já em exercício do magistério – e cerca de 130 professores de

GRUPO ESPECIAL

Para garantir à equipe envolvida no Projeto suporte técnico-administrativo que permita mais agilidade aos trabalhos, a Reitoria criou o Grupo Especial de Acompanhamento. Composto por 13 membros, entre eles o engenheiro Luiz Guilherme Rebelo Wadt, Assessor Técnico do Gabinete do Reitor, e por José Afonso Carrijo de Andrade, Assessor de Relações Externas, ele conta com três vice-coordenadoras: Acadêmica, Recursos Tecnológicos e Administrativa. “Entendemos que o apoio da administração é

POSSE

Reitor assume presidência do Cruesp

Propostas de expansão das universidades públicas estão em debate

O reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade, tomou posse, em 10 de abril último, em reunião realizada no Palácio dos Campos Elíseos, sede da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo, em São Paulo, como presidente do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp). O mandato é de um ano e o cargo é ocupado em rodízio pelos reitores das três universidades. “O Cruesp é o fórum ideal para a discussão da política estadual de ensino superior”, disse.

A cerimônia, realizada durante reunião do Cruesp, contou com a presença do secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo, Ruy Martins Altenfelder Silva, do adjunto Oswaldo Massanbani e do reitor da USP, Adolpho José Melfi, e do então reitor da Unicamp, Hermano Tavares, além dos respectivos chefes de gabinete. Segundo o reitor da UNESP, a expansão do ensino superior público em São Paulo iniciou-se em 2001 com grande participação dos Poderes Execu-



Amâncio Chiodi

Trindade, Tavares, Melfi e Altenfelder (da dir. para a esq.): solenidade

tivo e Legislativo. “Precisamos saber administrar problemas que não são simétricos entre as três universidades e que devem ser motivo de crescimento e não de crise”, ponderou Trindade.

Outros assuntos farão parte da pauta do Cruesp neste próximo ano: a previdência das universidades, o sistema de relacionamento financeiro do governo estadual, além de um fundo comum para a expansão das vagas. “Já existe um consenso de se expandir as universidades sob a forma de projetos objetivos para este fim, em busca de verbas suplementares. Em junho, com o reinício das discussões visando o orçamento para 2003, deve haver novas propostas de expansão”, disse o novo presidente do Cruesp.

CERIMÔNIA

Evento lembra Mario Covas

Universidade assina parceria com Fundação

Honestidade, honra e coragem foram as palavras mais lembradas na cerimônia realizada, em abril último, na Sala São Paulo, na Estação Júlio Prestes, em São Paulo, em comemoração ao primeiro ano de existência da Fundação Mario Covas. Na ocasião, que contou com a participação do Coral do Estado de São Paulo, o reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade, tomou posse como membro do conselho consultivo da entidade. Houve também a assinatura de dois documentos que celebraram a parceria entre a Universidade e a Fundação. “É muito importante para nós participar de iniciativas como esta”, afirmou o reitor.

A UNESP, por intermédio do Centro de Documentação e Memória (Cedem), localizado em São Paulo, conferirá suporte técnico, na forma de recursos humanos e técnica arquivística, para a organização do acervo da Fundação. “Só hoje, nesta cerimônia, recebemos doações de 2.440 fitas de vídeo, 500 minutos de gravações em áudio e fotos de Mario Covas em mais de 8.200 eventos”, lembrou Oswaldo Martins, diretor-presidente da Fundação.

Além disso, a Universidade participará

No Portal estão disponíveis informações sobre as áreas organizacional, institucional, administrativa, de cooperação e comunicação da Universidade. O Portal oferece uma rede de links, por exemplo, para as páginas de cada Pró-Reitoria ou Unidade. Há serviços como o item *Localize-se*, que permite o acesso aos endereços das unidades, além dos dados institucionais sobre a UNESP. O sistema de *Busca* permite ao navegador encontrar rapidamente as informações desejadas. “Queremos transformar o Portal UNESP em um efetivo portal do conhecimento”, afirma o reitor José Carlos Souza Trindade.

Os canais *Ombudsman* e *Ouvidoria* são reservados, respectivamente, à apresentação de demandas ou reclamações sobre o Portal e sobre a Universidade. Os itens *Destques* e *Notícias das Unidades*, na página da ACI – www.unesp.br/aci/imprensa/home.htm, destinam-se à divulgação da produção científica e demais atividades realizadas na Universidade. É nesses espaços que o jornalista internauta busca as suas pautas.

do Projeto de Gestão Pública da Fundação, organizando e realizando cursos nessa área, junto a entidades como Faculdade Getúlio Vargas, PUC-SP e Fundação Armando Álvares Penteado (SP). “Covas foi um grande professor para todos os administradores públicos e a Fundação dará continuidade a suas lições”, disse o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, presente à cerimônia. “Seu grande legado foi estimular as pessoas a participar e a reivindicar seus direitos”, completou Renata Covas Lopes, filha do ex-governador e presidente do Conselho Curador da Fundação.



Regino Agrelia

Coral do Estado: festa na Estação



Formação de agentes comunitários

Programa beneficia região Noroeste do Estado

O Ministério da Saúde, por meio do Programa de Saúde da Família, tem procurado reorientar o modelo de atenção à saúde no Brasil, numa ótica de promoção de saúde, enquanto o Ministério da Educação, por meio dos programas da Universidade Solidária (Unisol), tem incentivado a universidade a sair de seus muros, graças a projetos de desenvolvimento humano. Com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), o Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de Araçatuba, conjuga essas duas vertentes e passa a integrar o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), em convênio com a Unisol. "Trata-se de um trabalho de extensão, que visa suprir as carências na área de saúde dos municípios vizinhos à cidade de Araçatuba", comenta a coordenadora do Projeto, Nemre Adas Saliba, da FO.

A ênfase desta parceria é a formação e capacitação de

agentes comunitários de saúde para atuarem no PSF. "O trabalho dos agentes é de extrema importância para estimular a comunidade a adotar hábitos saudáveis nas tarefas do cotidiano", afirma Suzely Saliba Moimaz, vice-coordenadora do PACS.

Inicialmente, cada equipe do PACS era composta, no mínimo, por um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e por quatro agentes comunitários. A incorporação de equipes de saúde bucal

ao Programa é recente e vai proporcionar ganhos para a saúde da população. "O grupo de docentes da FO formará cem agentes para atuar nos municípios de Bilac, Piacatu, Santópolis do Aguapeí, Gabriel Monteiro e Clementina, todos na região Noroeste do Estado", contabiliza a coordenadora.

Perante as necessidades das populações carentes fora do eixo Norte/Nordeste, a Unisol abriu edital para a instalação de um Módulo Regional também na Região Sudeste. "Entre os projetos inscritos, apenas três foram aprovados, sendo um deles o da UNESP", alegra-se Nemre. O curso terá duração de seis meses, divididos em dez módulos de oito horas teóricas, somados a outros dez de atividades práticas. "Cerca de 31 pessoas da FO estão envolvidas no Projeto, entre docentes, graduandos, pós-graduados e técnicos, afirma Nemre.



Foto do pesquisadora Nemre (quinta da esq. para a dir.): suprir carências

LEITURA DINÂMICA

PÓS-GRADUAÇÃO

A Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, a PUC-SP e a Unicamp vão oferecer, conjuntamente, a partir de 2002, o curso de pós-graduação em Relações Internacionais. Os interessados vão poder optar entre Mestrado Acadêmico, voltado para pesquisadores e professores, e Mestrado Profissional, dirigido a quem atua na área, como integrantes de assessorias sindicais, empresariais e parlamentares. As três universidades paulistas apresentaram um projeto em parceria, que foi aprovado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), dentro do Projeto Santiago Dantas, iniciativa da instituição que homenageia o célebre ministro das relações exteriores no governo João Goulart. O curso será oferecido em São Paulo, na Praça da Sé, 108, Centro. "Poderão participar desde jornalistas internacionais a pessoas que trabalham com análises de riscos", diz o cientista político Tullo Vigevani, da FFC, coordenador do curso pela UNESP. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (0xx11) 252-0253, na Pró-reitoria de Pós-Graduação da UNESP.



BIBLIOTECAS

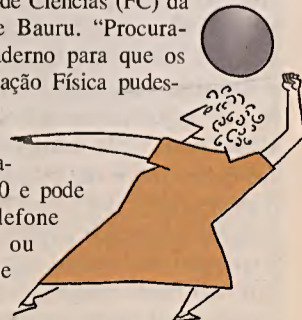
A Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) da UNESP produziu dois Manuais de Serviço em CD-ROMs para orientar os funcionários e auxiliar os estudantes a utilizar as bibliotecas. Eles tratam de duas seções: Seção Técnica de Aquisição e Tratamento de Informação (Stati), organizado pela bibliotecária do câmpus de Botucatu, Sulamita Colnago; e Seção Técnica de Referência Atendimento ao Usuário e Documentação (Straud), assinado pela bibliotecária de Rio Claro, Suelcy Brito. O CD-ROM Stati traz instruções que orientam os bibliotecários em procedimentos como aquisição de livros, cadastros editoriais e banco de dados. "Já o Straud, informa os alunos sobre como utilizar os serviços das bibliotecas. Inclui até um capítulo especial para calouros", informa Suelcy. As obras poderão ser adquiridas ao preço de R\$ 15,00 cada na Fundepe, em Marília, pelo e-mail: fundepe@marilia.unesp.br

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Uma grande preocupação dos alunos do curso de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, é a realização de seus estágios obrigatórios, pois é difícil conseguir parcerias com instituições públicas que ofereçam essa oportunidade. Por isso, foi com bons olhos que alunos e professores receberam a publicação, no *Diário Oficial*, do Ato nº 758/02, da Câmara Municipal de São Paulo, que regulamenta o Programa de Estágio de Estudantes de Ensino Superior. "A instituição oferece assim a oportunidade de efetivar o intercâmbio entre a academia e o poder legislativo", avalia o coordenador do curso de graduação de Administração Pública, Sergio Azevedo Fonseca. "O único problema é a distância que separa São Paulo de Araraquara. Vamos, por isso, negociar a possibilidade de os nossos alunos desenvolverem atividades de estágio durante as férias escolares", complementa.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Capitã da Seleção Brasileira de Basquete feminino de 1973 a 1986, Suzete Gobbi – a Suzete – encerrou a carreira em 1990 e está passando a sua experiência de quase 20 anos no esporte em *A, B, C... do Basquetebol com Suzete*, um caderno didático que mostra aos professores de Educação Física como treinar e despertar o interesse de seus alunos pelo basquete. O trabalho aborda, de forma lúdica, conteúdos educativos e específicos dos fundamentos desse esporte. O objetivo é fazer com que o processo de ensino e de aprendizagem da criança aconteça de modo natural, sem pressão, para não desmotivá-la", explica. Suzete contou com a colaboração da educadora física Dagmar Aparecida França Hunger, do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauru. "Procuramos organizar o caderno para que os professores de Educação Física pudessem usá-lo adaptando-o às suas aulas", diz a docente. O caderno custa R\$ 15,00 e pode ser obtido pelo telefone (0xx14) 234-1013 ou pelo e-mail criearte@suzetebasket@travelnet.com.br



DEBATE

Contratação de docentes

Chat enfoca tema polêmico



Regino Agrella

Bastos: busca de soluções

Os motivos que levarão à contratação de 189 docentes em 2002 em Regime de Turno Completo (RTC) e os efeitos que esse tipo de contratação pode ter para o ensino, a pesquisa e a extensão na UNESP foram algumas das questões que marcaram o segundo Chat UNESP, realizado em março último, com o presidente da Comissão de Contratação Docente (CCD) da Universidade, Herculano Dias Bas-

tos. "Para o ano de 2002, por questões absolutamente orçamentárias, optou-se pelo RTC para atender ao maior número possível de unidades", comentou o presidente da CCD. "Após 2002, essa matéria será novamente discutida nos colegiados competentes."

Um dos participantes da discussão manifestou a preocupação de que as contratações por meio de RTC se tornem a única forma de admissão de novos professores na UNESP. "O regime de trabalho docente preferencial na Universidade é o Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). A solução adotada neste ano foi consequência

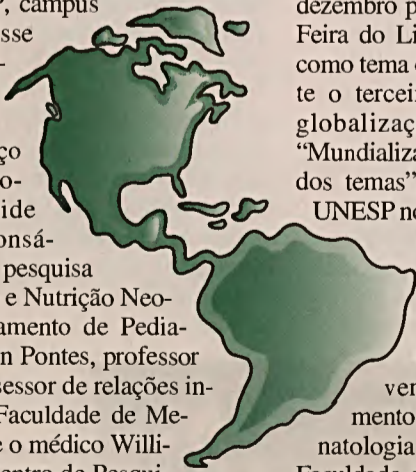
da necessidade de suprir da melhor maneira possível a demanda de professores nas unidades universitárias, diante da limitação de recursos disponíveis", disse.

Segundo o presidente da CCD, o valor de R\$ 4,5 milhões definido para contratações de docentes foi uma matéria revista pela Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo) e não poderá ser modificada em 2002. "As 189 contratações são relativas apenas às atuais unidades da UNESP e não envolvem os novos câmpus e cursos, cuja abertura ainda está em análise pela Universidade", explicou.

CONVÊNIO I

Mais próximos de Wayne

A UNESP e a Wayne State University (WSU) estão estreitando elos. Após a assinatura, em fevereiro último, de um acordo de cooperação mútua, ainda neste semestre, especialistas em pediatria e neonatologia da instituição norte-americana estarão na Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu. Esse foi um dos principais pontos da reunião realizada em março último, na Reitoria, entre Cleide Trindade, responsável pela área de pesquisa em Metabolismo e Nutrição Neonatal do Departamento de Pediatria da FM, Edson Pontes, professor de Urologia e assessor de relações internacionais da Faculdade de Medicina da WSU, e o médico William Lyman, do Centro de Pesquisas Médicas Infantis do Estado de Michigan, em Detroit, considerado um dos cinco melhores dos EUA. "O próximo passo será a elaboração de uma proposta preliminar de efetivo intercâmbio entre os dois centros de pesquisa", disse a médica.



CONVÊNIO II

Ações concretas

O convênio, firmado em dezembro de 2001, entre a UNESP e a Universidade de Guadalajara, do México, já está rendendo frutos em duas áreas: a de Ciências Sociais e a de Ciências da Saúde. Na primeira, destaca-se a organização de um evento, a ser realizado, provavelmente, em dezembro próximo – para coincidir com a Feira do Livro de Guadalajara, que teria como tema central "Brasil e México perante o terceiro milênio latino-americano: globalização ou desglobalização?". "Mundialização e cidadania serão alguns dos temas", informa o representante da UNESP no convênio, Enrique Amayo, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara. Na área da Saúde, existe a possibilidade de realizar trabalhos conjuntos, envolvendo, inicialmente, o Departamento de Pediatria, nas áreas de Neonatologia e Cardiologia Pediátrica da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. "Isso inclui intercâmbio de residentes e docentes, além de estágios e cursos de pós-graduação", afirma a coordenadora do convênio por parte da UNESP na área de Ciências da Saúde, a médica Cleide Enoir Petean Trindade, da FM.

VISITA

Tecnologias de ensino

O conhecimento, estudo e uso de tecnologias de ensino a distância é uma obrigação da universidade de qualidade. Em busca de selar parcerias na área, a UNESP recebeu a visita, em março último, do responsável pela área de Relações Internacionais do National Institute of Multimedia Education (Nime), Toshio Kobayashi. O docente japonês visitou a Reitoria e os câmpus de Guaratinguetá e Marília da Universidade. Em maio, serão dados os próximos passos rumo à formalização de um convênio de cooperação mútua, com a visita dos professores Tsumeo Yanda e Kimio Kondo, para a organização da IV Conferência Internacional sobre Informação, Cognição, Tecnologia e Aprendizagem (InCÓgniTA), em agosto deste ano, no Brasil, e, no ano seguinte, no Japão. "Queremos melhorar nossa tecnologia no ensino de graduação da UNESP e na promoção de projetos conjuntos sobre o tema 'Novas Tecnologias'", diz o responsável pelo grupo de pesquisa da UNESP InCÓgniTA, o engenheiro elétrico Janio Itiro Akamatsu, da FE, que acompanhou a visita do professor japonês.

Melhores previsões do tempo

IPMet de Bauru participa de projeto da NASA

Programado para ser lançado no início de maio pela NASA, na plataforma americana de Vandenberg, Califórnia, EUA, o satélite Aqua é considerado um marco para a meteorologia mundial. A bordo do equipamento, há um sondador atmosférico de nova geração, capaz de observar, ao longo de 24 horas, as várias regiões da Terra para apoio meteorológico. O Brasil, cujas dimensões continentais limitam sua cobertura por estações convencionais, tem uma importante participação neste projeto. Serão instaladas no País algumas estações com instrumentos aptos a confirmar as medidas obtidas pelo satélite. A maior e mais bem aparelhada delas estará localizada no Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), unidade complementar da UNESP localizada no câmpus de Bauru. "Isso possibilitará uma previsão do tempo mais precisa e abrangente", explica o coordenador de pesquisas do Projeto do Núcleo de Sensores de Satélites Meteorológicos do IPMet, Roberto Vicente Calheiros. "O câmpus da UNESP de Presidente Prudente, onde há uma estação de sistema de posicionamento global - GPS, em inglês - também terá um papel importante." O Aqua, cujas dimensões lembram as de um ônibus escolar, faz parte do Programa de Sistema de Observação da Terra, implantado em 1990 pela Nasa. "O programa prevê a existência de três satélites, que permitirão o monitoramento

do meio ambiente de todo o mundo, avaliando-se a deterioração ambiental, com dados precisos sobre a poluição da

terra, água e atmosfera", explica o pesquisador do IPMet.

O satélite tem finalidade meteorológica. A bordo, há seis sensores supersofisticados, capazes de fornecer dados para pesquisas científicas. "O objetivo é melhorar a previsão do tempo, apoiar o gerenciamento de agricultura e florestas, fornecer dados aos pesquisadores e planejadores de áreas urbanas e rurais e, possivelmente, prever como o clima mudará no futuro", enumera o professor Calheiros, membro brasileiro da equipe científica que, nos EUA, elaborou o projeto dos sondadores.

A grande vedete do Aqua é justamente o sondador, composto de três instrumentos. Um deles, denominado Sondador de Umidade para o Brasil

(HSB, em inglês), foi fornecido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Observando a Terra e sua atmosfera, o HSB permitirá quantificar a chuva, dar informações sobre as nuvens e retratar o perfil do vapor d'água na atmosfera. "Estima-se que a previsão de chuvas, por exemplo, poderá ser melhorada em até um dia. Hoje, a previsão em regiões tropicais tem alto índice de acerto para 4 a 5 dias e pode chegar a 6 dias", calcula Calheiros. O HSB também pode ajudar no estabelecimento de estados de alerta de curto prazo, de 12 h a 36 h, referentes à intensidade de tempestades de formação rápida, que costumam provocar inundações.

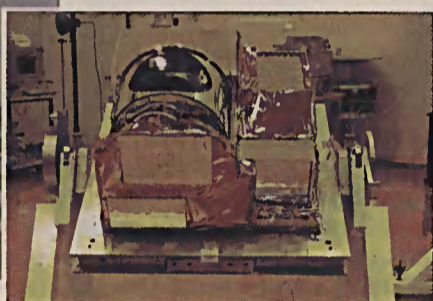
O sondador fornecerá, com uma cobertura e precisão muito superiores às atuais, informações sobre temperatura e umidade, de interesse para a previsão do tempo e para as tendências do clima. Grandes áreas oceânicas e florestais, por exemplo, onde não há estações de radiossondagem fixas, poderão ser observadas pelo sondador. "Isso trará um grande benefício principalmente para o hemisfério sul", afirma o coordenador. Até o final do ano, toda a aparelhagem, que inclui computadores, radares e instrumentos de GPS, estará no Instituto, que conta, para este projeto, com cerca de US\$ 300 mil financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Waltair Martão



Tecnologia: satélite e o sondador (no detalhe)

Divulgação



ATUALIDADE

O dilema do álcool

Forma líquida é substituída por gel

Dados apurados pela Sociedade Brasileira de Queimados estimam que do total de um milhão de ocorrências anuais de queimaduras, 300 mil envolvem crianças menores de 12 anos. Destes casos, 45 mil são provocados pelo uso indevido de álcool. Baseada em dados como esses - que mostram que o álcool oferece de fato riscos à saúde da população -, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou, em sua Resolução nº 46, de 20 de fevereiro de 2002, a substituição do álcool etílico em forma líquida pela sua formulação em gel. "A preocupação se justifica por diversos motivos, como a dor física do paciente, os transtornos familiares e o alto custo do tratamento de queimaduras para o governo", comenta o médico Carlos Alberto Macharelli, docente do Departamento de Saúde Pública do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu.

A Resolução também prevê a adição de substâncias desnaturantes, de sabor ou odor repugnantes, para impedir sua ingestão, mesmo que por engano. Assim, os estabelecimentos comerciais só poderão exibir em suas gôndolas o produto em gel, quando destinado ao uso doméstico. "Os fabricantes, por seu lado, terão o prazo de 180 dias para se adequarem às normas estabelecidas pela Agência", explica o médico.

Segundo o cirurgião plástico Aristides Augusto Palhares Neto, professor da disciplina de Cirurgia Plástica do Departamento de Cirurgia e Ortope-

dia do HC, responsável pelo primeiro atendimento às vítimas de queimaduras, é alto o poder de combustão do álcool em forma líquida. "Ao ser manuseado, ele se espalha rapidamente, formando um rastro que propicia o fogo, enquanto o gel queima mais lentamente", afirma o docente.

Pela Resolução, o álcool utilizado para outras finalidades que não a doméstica somente poderá ser comercializado em farmácias e drogarias, até o volume máximo de 50 ml. A proposta da Anvisa segue a mesma tendência preventiva já em vigor nos Estados Unidos e na Europa. A maior dificuldade de popularizar a medida está no preço do álcool em gel. Seu custo médio é de R\$ 3,50 por frasco de 500 ml, caro em relação ao líquido, vendido, em média, por R\$ 2,50/litro. "É preciso encontrar alternativas para solucionar isso, mas, em princípio, toda medida que vise oferecer mais segurança à população deve ser bem recebida", conclui Carlos Alberto Macharelli.



Prevenção de acidentes: novidade nas prateleiras

Regina Agrella

LABORATÓRIOS

Excelente análise do solo

Instituto de Química recebe Selo de Qualidade



Maria Cristina: análises exatas e segurança

O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), por meio de seu Programa Anual de Controle de Qualidade, realiza um controle de qualidade de laboratórios de análise do solo. Em 2001, entre os 78 laboratórios avaliados, o do Instituto de Química (IQ) da UNESP, câmpus de Araraquara, foi o que obteve o melhor desempenho. Foi constatada uma precisão de 98% nas cerca de 4 mil análises de amostras trabalhadas no período. O resultado foi anunciado, em março último, durante a 17ª reunião anual do Programa.

"O primeiro lugar nos garantiu o índice de excelência do IAC e demonstrou que nossas análises são exatas e oferecem segurança ao cliente", afirma a química Maria Cristina Passos Sartori, responsável pelo Laboratório do IQ, que realiza este trabalho há 17 anos.

Sem saber com precisão o nível de fertilidade da terra, o agricultor corre o risco de colocar nutrientes em doses inadequadas e comprometer o resultado da produção. Neste sentido, a análise de solo torna-se indispensável, pois permite ganhos de produtividade, uma vez que o uso de calcário e de fertilizantes representa entre 20% e 40% do custo da lavoura. "Foi-se o tempo em que a cor da terra era o único indicador de fertilidade", comenta Maria Cristina.

Hoje a tecnologia viabiliza calcular os riscos de culturas determinadas, eliminando aquela dúvida cruel quanto ao resultado da colheita, que costuma afligir o agricultor no momento da semeadura. "O método químico utilizado determina os níveis de acidez ou pH, de fósforo, potássio, cálcio, magnésio, alumínio e enxofre de cada amostra de solo", explica a química do IQ.

O Laboratório de Análises do Solo, braço da Seção de Apoio Técnico (SAT) do IQ, faz análises para agricultores de diversas regiões de São Paulo, de outros Estados e também para os pesquisadores. Uma análise simples custa R\$ 10 por amostra. "Realizamos, ainda, análises gratuitas para agricultores assentados", diz a química Edna Samira Gobatti, responsável pela SAT. "O Selo de Qualidade do IAC atesta o nível de confiabilidade do serviço que a UNESP presta à comunidade."

Regina Agrella



PRÊMIO I

Nervos à flor da pele

Cirurgião recebe láurea em Viena

Nova técnica de cirurgia de nervos vai melhorar a recuperação de pacientes com paralisia facial e outras patologias nervosas. Trata-se da neurografia término-lateral, desenvolvida pelo cirurgião plástico Fausto Viterbo, da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. Pelos dez anos de pesquisa, que resultaram no método cirúrgico inovador, ele recebeu, em congresso realizado em março deste ano em Viena, o prêmio Hanno Millesi – criado pela Sociedade Mundial de Neurocirurgia para destacar pesquisas em microcirurgias de nervos.

Autoridade mundial em cirurgia plástica, o austríaco Hanno Millesi foi um dos pesquisadores que combateu, em anos anteriores, a proposta de cirurgia de Viterbo. “Em um dos congressos em que nos encontramos, em 1994, ele argumentou energicamente contra a técnica, que disse ser um absurdo”, recorda Viterbo, que foi o primeiro a receber o prêmio, que será outorgado a cada dois anos.

SURPRESA

No congresso “50 anos de cirurgia em nervos periféricos”, em que recebeu a honraria, o cirurgião plástico da UNESP foi chamado para conduzir uma sessão científica sobre a neurografia término-lateral. “Fiquei surpreso com o reconhecimento. Hoje, pesquisadores de vários países estão

usando o método, inclusive Hanno Millesi”, orgulha-se, lembrando que teve, tanto no mestrado como no doutorado, a orientação do atual reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade.

Enquanto a cirurgia de nervos convencional faz enxertos a partir de terminações nervosas (neurografia término-terminal), e por isso prevê cortes em nervos saudáveis, a técnica desenvolvida por Viterbo enxerta o nervo sural (padrão para enxertos de nervos, retirado da perna) na lateral do nervo a ser recuperado (neurografia término-lateral). “Os axônios do nervo sural se ramificam e entram no outro nervo pela lateral, restabelecendo a transmissão dos estímulos elétricos”, descreve. O nervo é como um fio de luz, no qual o cobre corresponde aos axônios do interior do nervo. “A natureza se esforça para reconectar os canais nervosos”, conclui Viterbo, que constatou a eficácia da técnica em cães e ratos.

No hospital de Botucatu, a neurografia término-lateral já foi aplicada em 20 pacientes com paralisia facial e mostrou ser mais vantajosa que a técnica convencional. “Antes, a operação tinha que ser feita um ano após a paralisia. Durante esse período, os músculos do rosto se atrofiavam. Agora, as chances de reverter são maiores, porque reduzimos esse tempo para quatro meses”, compara Viterbo. Além disso, como dispensa cortes no nervo facial saudável, a nova técnica cirúrgica alcança

melhor resultado final. No método convencional, o resgate da função de um nervo às vezes implica a perda de outro, devido ao corte cirúrgico. “Mesmo assim, a técnica nova não invalida a antiga. A idéia é que, em cada caso, elas sejam combinadas da melhor maneira”, explica.

A neurografia término-lateral vai melhorar a vida de muita gente. A cada ano, uma entre 30 mil pessoas tem paralisia facial – em função, principalmente, do vírus Herpes – e 20% das pessoas atacadas por esse vírus não se recuperam da paralisia facial. Derrames e traumas também são causas frequentes dessa deficiência. Viterbo ainda constatou os benefícios da neurografia término-lateral em dois pacientes paraplégicos, aos quais a técnica devolveu parte da sensibilidade. “Esse procedimento pode ser estendido para todo o corpo”, afirma o cirurgião.

Pesquisadores de outros países testam sua aplicação, por exemplo, na reenerva-

ção de mamas e de ombros (plexo braquial) – e o grupo de pesquisa de Botucatu trabalha para usar o método na urologia. “Já no tempo da graduação, ficava impressionado com os pacientes paraplégicos, muitos deles jovens. Daí surgiu a vontade de achar uma solução para a perda de sensibilidade deles”, conclui Viterbo.

Lara Lima



Viterbo: dez anos de pesquisa e método inovador

Regina Agrella

PRÊMIO II

Reconhecimento médico

Área de saúde da mulher está entre as melhores

Estima-se que mais de 8,5 mil mulheres faleçam anualmente no Brasil em decorrência de câncer de mama. Há ainda os tumores malignos de reto, estômago e de colo de útero, além de uma taxa de mortalidade materna próxima a 110 mortes por 100 mil nascidos vivos, muito acima das dez mortes registradas em países desenvolvidos como o Canadá. Números como esses levaram o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) a instituir o prêmio “Saúde da Mulher”, destinado aos hospitais e maternidades paulistas voltados para o atendimento da mulher. O Departamento de Ginecologia e Obstetrícia (DGO) da Faculdade de Medicina (FM)

da UNESP, câmpus de Botucatu, foi uma das instituições vencedoras. “Nós trabalhamos a promoção da saúde da mulher como um todo. Este Prêmio serve como incentivo para que continuemos a fazer o que estamos fazendo e possamos melhorar ainda mais”, afirma o médico José Carlos Peraçoli, que recebeu, em março último, em nome do Departamento, a honraria, na sede do Cremesp.

Instituído neste ano em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, o Prêmio fundamentou a sua escolha num estudo com todos os hospitais envolvidos no atendimento da mulher, que tratam de questões como violência sexual e gestação de alto risco, entre outros aspectos. “Este Prêmio vem reconhecer a importância de se ter um trabalho voltado para a saúde da mulher”, completou Peraçoli.

Surgido em 1971, com apenas dois leitos, o DGO conta hoje com 50 leitos e é responsável por aproximadamente 30% do movimento assistencial do Hospital das Clínicas da FM. Conta com 18 docentes, nove da área de Ginecologia e nove de Obstetrícia, e presta uma ampla gama de serviços à comunidade, como Ambulatórios Pré-Natal Geral, de Mastologia, de Oncologia Ginecológica e Patologia Cervical, além de laboratórios e centro obstétrico. “Todos os profissionais envolvidos neste trabalho sentem-se gratificados com a láurea do Cremesp”, afirma a diretora da FM, Marilza Vieira Cunha Rudge.



Thor Crespi Amêndola

Promoção da saúde: trabalho recompensado

PRÊMIO III

Estilo oriental

Namoradeira de PVC é destaque



Divulgação

Menção honrosa: poucos encaixes e nenhum prego

Com uma namoradeira oriental estruturada com tubos de PVC, seis alunos do curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), do câmpus de Bauru, ganharam menção honrosa no Oitavo Salão Design Móvel Sul. O concurso, realizado em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, entre 11 e 15 de março, faz parte do Móvel Sul Brasil 2000, uma das feiras de móveis mais importantes da América Latina. “O uso de PVC na estrutura é algo inédito na indústria moveleira nacional”, diz Lucindo Tomiosso Junior, 22 anos, quintanista do curso, um dos premiados, ao lado dos colegas de turma Silvio Tadeu do Nascimento França, Luiz Carlos Bezerra, Ricardo Shikata, Fernando José Soares da Silva e Marina Nahoka.

Como apenas três dos 150 projetos que concorreram no Salão foram premiados, a menção honrosa corresponde ao segundo lugar. “Foi um orgulho para mim, que fiquei em primeiro lugar no concurso de 2000”, diz Lucindo, que participou do projeto e da construção da namoradeira, também premiada há dois anos, na disciplina de Mobiliário.

De inspiração oriental, a namoradeira é baixa (30 centímetros de altura), tem 1,60 m de comprimento e 70 centímetros de largura. Além dos tubos de PVC, chapas de fibra de madeira (MDF) compõem a sua estrutura. “O móvel tem poucos encaixes e nenhum prego. Também é muito leve, pesando menos de 10 quilos”, descreve Lucindo.

Pastagem perigosa

Fotossensibilização causa problemas hepáticos em bovinos e ovinos

O pecuarista vê um pasto verdejante e acredita que está em frente a um local naturalmente puro, que poderá garantir o crescimento sadio de sua criação. Infelizmente, isso pode não ser verdade, principalmente quando é possível encontrar, no capinzal utilizado para pastagem, os esporos do fungo *Pithomyces chartarum*. Na presença de umidade, os esporos se desenvolvem e tornam-se potenciais agentes de problemas hepáticos em bovinos e ovinos. “Os animais passam a sofrer de fotossensibilização. É uma doença grave, que ocorre em forma de surto e é responsável por significativa perda financeira para o pecuarista”, diz o veterinário José Jurandir Fagliari, docente do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal.

O processo de desenvolvimento da doença hepática em bovinos e ovinos, conhecida como fotossensibilização hepática, ocorre quando o animal se alimenta da forrageira infectada pelo fungo *Pithomyces chartarum*, presente em pastagens de *Brachiaria decumbens*. “O fungo é responsável pela produção da micotoxina esporidesmina, que ingerida provoca lesões nos ductos biliares, prejudicando o fluxo da bile, indispensável ao processo digestivo”, explica o veterinário, que pesquisa a doença desde 1979.

LESÕES CUTÂNEAS

Paralela à doença hepática, a micotoxina esporidesmina também é a causa de uma dermatite, que provoca lesões cutâneas semelhantes a queimaduras, especialmente nas orelhas, flanco, base da cauda

mente na circulação cutânea. Por ser fotossensível, ao receber luz solar, esse pigmento reage fotoquimicamente e libera substâncias nocivas à derme. “Daí a origem do nome da doença”, explica o docente da FCAV. “Esta enfermidade é mais



Lesões: mal causado por esporos de fungo, indicados pela seta (detalhe)

e região glútea. Com a impossibilidade de ser eliminado junto com a bile, o pigmento filotertrina, resultante do metabolismo normal da clorofila presente no capim, se acumula na corrente sanguínea, principal-

comum após o desmame, e a taxa de mortalidade pode alcançar índice de 40% em bovinos.”

O rebanho acometido pela fotossensi-

bilização hepática pode apresentar outros problemas secundários. São comuns quadros de icterícia, de diarreia e anemia, que deixam o animal debilitado e com o quadro clínico agravado. Quando a doença não evolui para o óbito, a perda de peso ao longo de um ano após a cura varia entre 15% a 25%, se comparado ao peso de um animal sadio. “O grau de manifestação da enfermidade depende da concentração do pigmento filotertrina e do tempo de exposição à luz solar”, informa Fagliari.

Quando acomete bovinos ou ovinos considerados de boa linhagem genética, as perdas financeiras são ainda maiores. Além de ter os seus intervalos entre osaios prolongados, a fêmea torna-se mais suscetível ao risco de abortos. “Os prejuízos provocados pela fotossensibilização hepática são consideráveis, difíceis, porém, de quantificar, devido à oscilação do preço do animal ou da arroba de carne no mercado”, enfatiza o veterinário.

Fagliari lembra que o tratamento da doença é possível, mas bastante oneroso. “Envolve a aplicação sistêmica de protetor hepático e o

uso tópico de medicamentos para a dermatite. Se levamos, no entanto, em consideração que o animal não se recupera plenamente, a prevenção é ainda mais importante”, diz.

Evitar o problema requer o manejo correto do pasto. A pastagem não deve passar de 20 cm de altura. “Acima dessa medida, o capim excedente acumula-se no solo. Os esporos do fungo encontram nos restos de pastagem úmida a condição ideal para o desenvolvimento, dando origem à doença”, ensina o docente. “A suplementação mineral adequada, com atenção especial ao zinco, e o controle parasitário são outras medidas recomendadas para garantir maior resistência do animal”, conclui.

Genira Chagas

O mal que veio da Nova Zelândia

Doença é encontrada há mais de 25 anos no Brasil

Responsável por sérios prejuízos a pecuaristas de vários países, como Austrália, Argentina, Espanha, Estados Unidos e África do Sul, a fotossensibilização hepática foi diagnosticada pela primeira vez em ovinos da Nova Zelândia, em 1894. Somente a partir de 1939, quando ela passou a se manifestar em forma de surto, a doença começou a chamar a atenção dos criadores. No Brasil, os primeiros casos do mal surgiram em 1975, coincidentemente a partir do início do pastejo em *Brachiaria decumbens*, cultivada com sementes de origem australiana. Suspeita-se, portanto, que as sementes importadas estivessem contaminadas com esporos do fungo *Pithomyces chartarum*. São as regiões de cerrado os locais onde mais se observam casos de fotossensibilização. Nelas, em razão dos solos arenosos e de baixa fertilidade, nos quais outros tipos de pastagens são difíceis de serem cultivados, a *Brachiaria decumbens* se desenvolveu e foi bem aceita pelos pecuaristas.

chiaria decumbens, cultivada com sementes de origem australiana. Suspeita-se, portanto, que as sementes importadas estivessem contaminadas com esporos do fungo *Pithomyces chartarum*. São as regiões de cerrado os locais onde mais se observam casos de fotossensibilização. Nelas, em razão dos solos arenosos e de baixa fertilidade, nos quais outros tipos de pastagens são difíceis de serem cultivados, a *Brachiaria decumbens* se desenvolveu e foi bem aceita pelos pecuaristas.

FERTILIDADE

Endoscopia ajuda na reprodução

Técnica busca obter mais potros com uma dose de sêmen

Os custos com a importação de sêmen para a reprodução de animais de boa qualidade genética representam uma considerável parte dos gastos envolvidos na criação de equinos. Uma dose de sêmen congelado, por exemplo, vale, em média, de US\$ 1 mil a US\$ 2 mil e, teoricamente, produzirá apenas um potro. Além disso, como o sêmen equino congelado tem fertilidade mais baixa em relação ao *in natura* e a capacidade de produção de doses é menor, os preços dos animais de raça cobrados no mercado chegam à estratosfera. Neste cenário, entram os estudos de inseminação artificial equina por endoscopia desenvolvidos pelo Departamento de Reprodução Animal e Radiologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu. “Somos pioneiros mundiais na aplicação comercial da técnica de obter o maior número de potros com uma única dose de sêmen”, afirma o veterinário Marco Antonio Alvarenga, docente da Faculdade.

O uso da técnica permite a utilização de menor quantidade de espermatozoides com maior rendimento. “Com uma dose de sêmen podemos gerar entre quatro a seis potros, contra apenas um com a utilização da inseminação convencional”, diz o docente. Com o auxílio de um endoscópio humano, o técnico tem a possibilidade de colocar o sêmen mais próximo da junção útero-tubária, caminho natural do espermatozoide para alcançar o óvulo. “Na técnica convencional, o espermatozoide não é depositado tão próximo do óvulo e necessita ultrapassar várias barreiras antes de atingi-lo.”

Pela perda de fertilidade ocasionada pelo congelamento, seriam necessárias, em média, três doses de sêmen para o nascimento de um potro. A utilização da técnica desenvolvida no Laboratório de Reprodução Equina, da FMVZ, permite que com um quarto de dose um potro seja gerado. “Garante-se assim pelo menos um produto por dose, mesmo quando usado sê-

men de baixa fertilidade”, conta Alvarenga, responsável pela introdução da técnica de inseminação artificial por endoscopia no Brasil.

O trabalho com Inseminação por Endoscopia desenvolvido na FMVZ tornou a área de Reprodução Animal da Faculdade uma referência internacional, ao lado de laboratórios dos EUA e da França. Uma prova disso é que o Estado de São Paulo concentra cerca de 600 mil cavalos e 80% dos criatórios de equinos das raças Árabe e Quarto-de-milha do País. “Quanto à



Alvarenga: pioneirismo na aplicação comercial da técnica

qualidade dos animais destas duas raças, o Brasil só é superado pelos Estados Unidos”, afirma Alvarenga.

(G.C.)

O fascinante universo das plantas medicinais

Numerosas plantas medicinais são apontadas pela sabedoria popular como santo remédio para numerosas doenças. Algumas, se usadas na dose certa e com uma série de cuidados, têm efeitos benéficos comprovados, mas outras são inócuas ou podem provocar graves efeitos colaterais. Quebra-pedra, embaúba, cipó-cruz, ipeca, guiné, cogumelo-do-sol, laranja-amarga e capim-limão são objetos de estudo de biólogos, médicos e farmacologistas da Universidade

LARA LIMA

O consumo de medicamentos "naturais" sem nenhuma comprovação científica tornou-se um problema de saúde pública no Brasil. Nunca, como nos tempos atuais, os brasileiros tiveram tantos produtos – e com tão variadas indicações, do emagrecimento à cura da depressão – ao alcance das mãos. O comércio ilegal de ervas e outros produtos fitoterápicos invadiu as ruas, a Internet e – o que é pior – as farmácias de forma crescente nos últimos vinte anos. O Ministério da Saúde, que apenas há sete anos começou a regulamentar o assunto, tenta deter a expansão desse fenômeno por intermédio da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), criada em 1999. Mas, por enquanto, a lei que regulamenta o tema (Resolução número 17 de fevereiro de 2000) é ignorada pela maioria dos labora-

tores. Quem arca com os prejuízos desse descaso são os consumidores. "O que compromete o comércio de fitoterápicos – medicamentos feitos a partir de plantas – é que a maior parte deles não passou pelos estudos clínicos exigidos antes da sua comercialização", diz a bióloga Mirtes Costa, do Departamento de Farmacologia do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Botucatu. (Veja quadro.)

MERCADO INFORMAL

Entre a infinidade de produtos fitoterápicos à venda nas farmácias, apenas cerca de 700 têm registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), ou seja, podem ser usados com segurança – contanto que tenham indicação médica. Quem divulga esse dado é a assessoria de imprensa da agência, que aponta a dificuldade dos consumidores em diferenciar esses produtos dos outros, irregulares, uma vez que estão todos misturados nas prateleiras. "O mercado informal de chás e folhas secas é



facilmente identificável nas barracas que se espalham pelas cidades. "O maior problema está nos produtos vendidos em cápsulas, nas farmácias, com cara de medicamento", argumenta a docente do IB.

A colocação desses produtos no mercado deveria seguir as mesmas regras estabelecidas para medicamentos sintéticos: estudos para verificar a toxicidade e a eficácia devem ser feitos primeiro em animais, depois em seres humanos saudáveis e, mais tarde, em pessoas doentes, num processo que dura entre dez e 15 anos. Os fitoterápicos que não seguem esse padrão funcionam como uma caixa de surpresas – quase sempre desagradáveis. "Podem provocar efeitos colaterais muitas vezes mais graves que a moléstia que motivou a medicação", alerta Mirtes. "Cada planta contém inúmeros componentes, capazes de gerar diferentes efeitos, alguns deles tóxicos. Por isso, é preciso isolar as substâncias ativas que têm efeitos terapêuticos."

A UNESP desenvolve várias pesquisas sobre plantas medicinais com potencial para a fabricação de fitoterápicos. Entre as mais abrangentes, está a intitulada "Conservação e uso sustentável da diversidade vegetal do cerrado e da mata Atlântica: diversidade química e prospecção de novas drogas". Coordenado pela farmacologista Vanderlan da Silva Bolzani, do Instituto de Química da UNESP, câmpus de Araraquara, o projeto é um dos 34 aprovados pelo programa Biota da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). "A mata Atlântica e o cerrado



Vanderlan: isolamento de substâncias ativas

são laboratórios naturais de substâncias com grande diversidade química", qualifica Vanderlan, que pesquisa plantas com propriedades antioxidantes, antifúngicas e antitumorais.

SUBSTÂNCIAS ATIVAS

A equipe da pesquisadora conseguiu isolar, em escala de laboratório, as substâncias ativas da *Petiveria alliacea*, conhecida popularmente como amansenhor, guiné ou piti. "Como são polisulfetos, essas substâncias podem ser broncodilatadoras. É isso que vamos procurar comprovar", diz Vanderlan.

Nos próximos dois anos, a equipe vai procurar isolar as mesmas substâncias em maior quantidade e testar sua toxicidade. Outra espécie enfocada pelo projeto é a *Chiococca alba*, também chamada cipó-cruz ou cainca. "Ela é usada para substituir a ipeca (*Ipecacuanha cephalis*), indicada para tratar náuseas e vômitos, e já comprovamos que esse uso é

chás de quebra-pedra e embaúba e depois foram expostos à radiação ionizante sobreviveram", conta.

Atualmente, a docente da FM pesquisa os efeitos do cogumelo-do-sol (*Agaricus blazei murrii*). "Muito se fala sobre ele, mas pouco se sabe", avalia. Resultados preliminares indicam que o chá de cogumelo-do-sol, ao invés de amenizar os efeitos da radiação, como se pensava, torna o organismo ainda mais sensível a ela. "O suco da planta, sim, funciona como radioprotetor", esclarece Alzira, que, na próxima etapa da pesquisa, vai verificar se o cogumelo-do-sol tem algum efeito tóxico.

Vários outros professores do câmpus de Botucatu pesquisam plantas medicinais, sob diferentes enfoques. A bióloga Mirtes Costa, por exemplo, do IB, pesquisou 11 espécies com o objetivo de encontrar alguma que fosse eficaz contra os efeitos da epilepsia. "Nenhuma se mostrou eficaz para diminuir as convulsões", revela.

PROPRIEDADE SEDATIVA

Apesar disso, os testes indicaram duas espécies – a laranja-amarga (*Citrus aurantium*) e o capim-limão (*Cymbopogon citratus*) – com propriedades sedativa e ansiolítica. "Os óleos essenciais de ambas as plantas facilitam a indução do sono e amenizam a ansiedade", afirma Mirtes, mestre em farmacologia e doutora em psicobiologia. "Busco sempre definir uma dosagem de óleo que desencadeie a ação terapêutica sem provocar nenhum efeito tóxico."

Se, por um lado, é preciso alertar a população sobre os riscos do uso indiscriminado de fitoterápicos, por outro, também é necessário recorrer à sabedoria popular na hora de definir linhas de pesquisa nessa área. Algumas plantas, consideradas "fitoterápicos tradicionais" pelo Ministério da Saúde, tiveram sua segurança reconhecida em Lei pelo fato de terem efeitos amplamente conhecidos. Essas espécies, enunciadas no Anexo I da Resolução 17 (2000), são: alcachofra, alho, babosa, boldo-do-chile, calêndula, camomila, gengibre, hortelã-pimenta, melissa (erva cidreira), maracujá e sene.

Exatamente nessa linha de pesquisa, que leva em conta a sabedoria dita popular, a bióloga Maria Christina de Mello Amoroso, do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB) de Rio Claro, faz levantamento de uso de plantas medicinais em comunidades rurais, como entre os caboclos da Amazônia. "Realizo um trabalho de etnobotânica, que procura relacionar o uso das plantas com os aspectos culturais", explica.

Esse tipo de pesquisa tem importante intercâmbio com a área de desenvolvimento de fitoterápicos, na medida em que fornece pistas sobre os efeitos das plantas. "Não se pode esquecer que foi a medicina empírica praticada por nossos ancestrais que lançou as bases para o desenvolvimento dos fármacos modernos", conclui Maria Christina, que realizou seu mestrado em ecologia e doutorado em antropologia.

indevido, pois a cainca não tem essa ação".

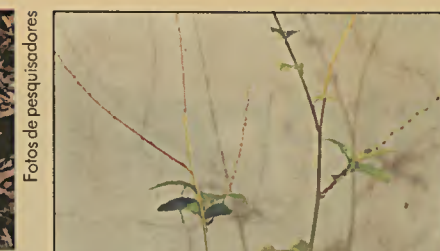
Para Vanderlan, um dos papéis das universidades em relação aos fitoterápicos é, justamente, testar os produtos disponíveis no mercado. A biomédica Alzira Teruio Yida-Sakate, do Departamento de Radioterapia da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, concorda. Há 20 anos, estuda plantas usadas pela população buscando substâncias capazes de proteger o organismo contra os efeitos da radiação (solar, cósmica, da TV, do computador) a que estão expostos pescadores, trabalhadores da construção civil, pilotos e eletricitistas. "A radiação excessiva induz a produção de radicais livres e estes podem provocar morte celular, a qual leva à disfunção ou mesmo à falência de órgãos", explica Alzira.

AÇÃO RADIOPROTETORA

Alzira comprovou a ação radioprotetora dos chás de quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*) e de embaúba (*Cecropia poystrachya*), depois de testar os efeitos de sete plantas medicinais. "Cem por cento dos ratos que receberam os



Alzira (sentada ao centro) e equipe: testes



Cogumelo-do-sol (em cima) e laranja-amarga



Guiné: talvez broncodilatadora

A importância da pesquisa

O Brasil ainda não tem nenhum fitoterápico

Tão importante quanto banir a venda de remédios clandestinos é incentivar, no País, pesquisas científicas que viabilizem o desenvolvimento de fitoterápicos. O valor que a flora representa para a medicina é incalculável, na medida em que pelo menos 25% dos medicamentos lançados comercialmente no globo foram feitos, direta ou indiretamente, a partir de plantas.

Segundo estimativa da consultora americana Phytopharm, o mercado mundial de fitoterápicos movimentará a cada ano cerca de US\$ 22 bilhões. Somente nos Estados Unidos, país que investe pesado em pesquisas, dois terços dos medicamentos lançados nos últimos anos provêm de plantas.

ENSAIOS NO EXTERIOR

O Brasil, apesar de ser um país com rica diversidade vegetal – concentra cerca de 60 mil espécies, aproximadamente 20% da flora mundial conhecida –, ainda não produziu nenhum fitoterápico próprio. Os cerca de 700 fitoterápicos registrados na Anvisa são medicamentos cujos ensaios clínicos foram feitos no exterior, ou seja, já haviam sido produzidos por outros países.

Esses medicamentos podem ser usados com segurança, pois a agência cobra dos importados o cumprimento das mesmas regras previstas para produtos nacionais. Apesar de a Anvisa ter dado prazo de dez anos, em 1995, para que os laboratórios se ajustassem à legislação, a assessoria de imprensa admite que a agência não sabe quais deles se adequaram até o momento. Em 2000, quando a portaria foi reeditada, esse prazo foi reduzido para dali a um ano – ou seja, esgotou-se no ano passado.

Segundo a assessoria, a agência iniciou a montagem de um banco de dados para registrar esse tipo de informação. O que a Anvisa tem feito são fiscalizações esporádicas nos laboratórios. Na maior delas, feita no ano passado, apreendeu 50 produtos irregulares e multou os 17 laboratórios responsáveis.

Mas as fiscalizações de rotina são encargo das Vigilâncias Sanitárias de cada Estado, que, reconhece a assessoria de imprensa, trabalham com efetivo insuficiente. "Muitos dos produtos que estão no mercado nunca passaram pelo crivo do Ministério da Saúde", diz o farmacologista João Ernesto de Carvalho, membro da comissão de alimentos da Anvisa.

Pesquisador do Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas da Unicamp, Carvalho acredita que os laboratórios nacionais estão perdendo terreno para as multinacionais, que estão entrando no Brasil com pesquisas e controle de qualidade. A tendência, analisa, é os médicos passarem a aceitar os produtos estrangeiros, que, afinal, apresentam a eficácia e a segurança necessárias. "Enquanto isso, ao invés de se modernizar e investir em pesquisa, os nossos laboratórios brigam para mudar a legislação", acredita. "Muitas empresas têm tentado aprovar fitoterápicos como alimentos para escapar do rigor da lei específica."

(L.L.)

Verifique o registro Anvisa

Saiba como denunciar irregularidades

Tudo medicamento com registro na Anvisa traz, na lateral da embalagem, um quadrado onde está escrito "raspe aqui com uma moeda". Trata-se do laque de segurança, onde devem estar registrados o nome do farmacêutico responsável e a logomarca do laboratório. Além disso, a embalagem deve informar a data de validade do produto, o número de lote e – principalmente – o número do protocolo. Neste ponto a atenção deve ser redobrada, porque muitos laboratórios usam números

falsos de registro. Portanto, é importante saber que o número impresso na embalagem tem que começar com o algarismo "1" e que deve ter entre 9 e 13 dígitos. Se houver alguma irregularidade, os consumidores devem comunicá-la por meio do disque-denúncia do Ministério da Saúde (0800-611997) ou à ouvidoria da Anvisa (0xx61-448-1235). Casos de medicamentos que não fazem o efeito anunciado ou que provocam efeitos não especificados também devem ser denunciados

(L.L.)

BIENAL DO LIVRO

Intensa programação

Editora oferece novos títulos e promove eventos

O Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo, SP, foi, entre 25 de abril e 5 de maio, um autêntico planeta literário. Em uma área de 45 mil m², 830 expositores – seis do Exterior – lançaram cerca de 1.700 títulos. O maior estande foi o da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp) e da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), à qual a Editora UNESP é filiada, com 1.176 m², que reuniu 60 editoras universitárias de todo o País e lançou 226 títulos. “Abrigamos estúdios de TV Cultura, das Rádios da USP, UNESP e da Universidade do Sagrado Coração, além de uma arena com capacidade para 150 pessoas sentadas em que foram realizados 60 eventos culturais, como sessões de autógrafos, apresentações de teatro e um sarau literário”, diz Sérgio Kobayashi, presidente da Imesp.



Estande: qualidade gráfica e editorial

No evento, a Editora UNESP lançou 14 livros (*Veja quadro*) e promoveu debates, a conferência e lançamento do livro *Os Desafios da Escrita*, do historiador francês Roger Chartier, a apresentação da peça de teatro *Os Antigos habitantes do Brasil*, baseada em livro homônimo de Pedro Paulo Funari, duas palestras e uma tarde de autógrafos com nove autores da Cole-

ção Propp (Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa). Em parceria com a Universidade do Livro – que funciona no mesmo edifício da sede da Editora, na Praça da Sé – a Editora organizou ainda, com apoio da Feira do Livro de Frankfurt, uma palestra, com o editor alemão Armin Abmeier, e uma mesa redonda com a ilustradora alemã Rourat Suzanne Berner e o autor e ilustrador Ricardo Azevedo. “Desde 2000, quando as editoras universitárias decidiram se apresentar em conjunto, elas vêm obtendo maior exposição pública e crescimento mais consistente. Reunidas num mesmo espaço chamam mais a atenção do público e da imprensa pelo volume e qualidade gráfica e editorial de sua produção”, diz José Castilho Marques Neto, diretor presidente da Editora UNESP e presidente da Abeu.

Lançamentos da UNESP

- **Israel-Palestina** – Tullo Vigevani e Gilberto Dupas
- **Mulheres na elite política brasileira** – Lúcia Avelar
- **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira** – Frederico Augusto Garcia Fernandes. (*Veja página 16.*)
- **A gramática: história, teoria e análise, ensino** – Maria Helena de Moura Neves
- **História e teoria social** – Peter Burke
- **Poesia, mito e história no modernismo brasileiro** – Vera Lúcia de Oliveira – co-edição Edifurb
- **Os desafios da escrita** – Roger Chartier
- **Eugen Warming e o cerrado brasileiro** – Aldo Luiz Klein (organizador) – co-edição Imprensa Oficial
- **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico** – Bruce Albert e Alcida Ramos (organizadores) – co-edição Imprensa Oficial/IRD
- **Leandro Konder: a revanche da dialética** – Maria Orlanda Pinassi (organizadora) – co-edição Boitempo Editorial
- **Da alquimia à homeopatia** – Renan Ruiz – co-edição Edusc

Coleção de 7 a 14 anos – Infante-Juvenil

- **Terra, um planeta em movimento** – Lucia Maria Paleari e Adelfidia Chiarelli – co-edição Imprensa Oficial
- **Morcego é vampiro?** – Lucia Maria Paleari e Adelfidia Chiarelli – co-edição Imprensa Oficial

Coleção Nossa História

- **Os antigos habitantes do Brasil** – Pedro Paulo Funari

MÚSICA

Muita pesquisa e inspiração

Violoncelo e violão interpretam de Vivaldi a Piazzola

Arpeggione, sonata que Schubert compôs em homenagem ao pouco conhecido instrumento musical assim chamado, é o título do CD lançado no mês passado pelo violoncelista Zygmunt Kubala, professor do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo. *O arpeggione*, uma espécie de violão tocado com arco, foi criado em 1823 e, pouco tempo depois, caiu no esquecimento. “Assim como Schubert, que morreu

aos 31 anos, esse instrumento morreu cedo”, diz Kubala.

Com obras inéditas de oito compositores, entre os quais Vivaldi e Astor Piazzola, esse disco é resultado de seis anos de pesquisa – e de muita inspiração. “Num devaneio, imaginei que encontrei Schubert, num banco qualquer de praça, em São Paulo, e tive com ele um bate-papo descontraído, que reproduzi no encarte do CD”, conta o músico.

O fato de o violoncelista Kubala tocar o repertório com o violonista Paulo Pedrasoli é a marca de originalidade deste trabalho. “É no encontro dos dois instrumentos que este trabalho se diferencia”, diz o docente da UNESP. Para

obter uma boa acústica, os músicos gravaram o CD na Igreja Luterana Escandiana de São Paulo, às 4 horas da madrugada. Ali, antes do amanhecer, foram gravadas *Arpeggione*, que Kubala considera a obra mais complexa do disco; *Café 1930*, de Astor Piazzola, a preferida do violoncelista; a *Ária das Bachianas Brasileiras número 5*, de Villa-Lobos; além de músicas de Vivaldi, Tchaikovsky, Paderewski, Paganini, Albéniz.

Enquanto seu primeiro CD, “Estados D’Alma”, de 1997, trazia apenas compositores brasileiros, este tem como único representante da musicalidade nacional, Villa-Lobos. Polônês, Kubala não poderia deixar de incluir um conterrâneo entre os compositores: Paderewski, que, além de estadista, foi pianista e editor da obra de Chopin. “Gravar esse CD foi gratificante, porque exigiu muita pesquisa histórica e sonora”, diz Kubala. “Espero estimular, com este trabalho, que estudantes de violoncelo e violão se aproximem e realizem trabalhos musicais conjuntos”, conclui. O CD, que custa R\$ 15,00, pode ser adquirido por telefone (0xx11-3812-2549), via e-mail (ppj@connection.com.br) ou na *Revista Concerto* (0xx11-5535-5518).



Schubert (ao piano): presente no CD (detalhe)

Arquivo Edições del Prodo



PATRIMÔNIO

Araraquara agradece

Octávio Ianni doa 5 mil livros

A Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, ampliou, em março último, consideravelmente o seu acervo. O sociólogo Octávio Ianni, detentor, entre outras honrarias, do Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, e do prêmio Ensaio, da Academia Brasileira de Letras, doou à biblioteca da instituição aproximadamente 5 mil livros, acondicionados em

cerca de cem caixas. Eles se somam aos 60 mil da biblioteca, oferecendo aos estudantes do câmpus uma excelente fonte de pesquisa. “O principal tema das obras é a América Latina, mas também há livros de economia, literatura, sociologia, política e antropologia”, diz a diretora da Biblioteca, Mara Landgraf Colucci. “Tenho uma grande li-



Cem caixas: economia, literatura, sociologia e política

gação com a FCL devido à participação em aulas inaugurais, bancas e palestras, tendo já inclusive sido patrono da turma de Ciências Sociais”, diz Ianni.

POLÍTICA

A pluralidade das esquerdas

Historiador italiano visita Universidade



Agosti: pouco conhecido no Brasil

A situação do pensamento de esquerda no mundo e a sua prática nos principais países da Europa foi o tema do historiador Aldo Agosti, professor de História Contemporânea na Universidade de Turim, Itália, em sua palestra, realizada em abril último, no Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP, câmpus de São Paulo. “Um quinto do mundo, principalmente na Ásia, é governado por dirigentes que praticam – ou dizem praticar – princípios políticos relacionados a ideologias ligadas às esquerdas. Analisar essa multiplicidade de visões é uma tarefa complexa, mas muito interessante”, afirmou.

Professor de História e de disciplinas ligadas à sociedade e à cultura europeia, Agosti é autor de obras importantes sobre o comunismo na Europa, como *La Terza Internazionale: storia documentaria*, três volumes publicados entre 1974 e 1979, e *Bandiere Rossi: un profilo storico dei comunismi europei*, de 1999. Pouco conhecido no Brasil, ele visita a América do Sul pela primeira vez. “Por enquanto só existe um artigo meu traduzido no Brasil. Talvez isso mude após minha passagem pelo País”, afirmou o historiador, que visitou mais dois câmpus da UNESP: a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), em Marília, e a Faculdade de Ciências e Letras (FCL), em Assis, além de realizar conferência na USP e gravar um programa da série *Roda Viva*, na TV Cultura de São Paulo. “Após a queda do Muro de Berlim e do regime socialista na ex-URSS, pensar o comunismo exige uma visão plural. A grande maioria dos partidos de esquerda da Europa não exerce o poder, mas continua sendo um ator importante, principalmente perante as bases populares”, disse em sua conferência no Cedem.

Uma profissão de futuro

Congresso discute a relação entre assistentes sociais e a área de saúde

No seu esforço contínuo de integrar o indivíduo à sociedade e buscar o bem-estar coletivo, as assistentes sociais têm presença cada vez mais contínua e ativa, realizando, por exemplo, nos hospitais, o vínculo entre os indivíduos e as suas necessidades de moradia, educação, saneamento básico e previdência. Para discutir justamente essa complexa interface entre o serviço social e a saúde, UNESP, USP e Unicamp promoveram, em abril último, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, SP, o I Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde (Conasss) e o IV Simpósio de Serviço Social em Saúde (Simpsss), que contaram aproximadamente com 700 congressistas de 24 Estados brasileiros, além de representantes dos EUA e do Peru. “As discussões permitem que possamos encontrar os melhores caminhos para as necessidades da população brasileira na área de saúde”, afirma a presidente do Congresso, a assistente social Sandra Márcia Ribeiro Lins de Albuquerque, diretora do Serviço Social do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

O tema central do evento, “Perspectivas Profissionais e Realidade Social: cenário, tendências e práticas”, permitiu a discussão de assuntos como desenvolvimento profissional e pessoal, *marketing* e espiritualidade. “Foi possível assim que as assistentes sociais realizassem uma avaliação de suas ações e refletissem sobre os posicionamentos a serem adotados na busca de atenção às reais necessidades da população brasileira”, disse a presidente da comissão científica, a supervisora de Divisão Hospitalar do Instituto da Criança da Universidade de São Paulo, Maria José Paro Forte.

ASSISTÊNCIA DOMICILIAR

Como a população mundial acima dos 65 anos é hoje de 600 milhões e estima-se que chegará, em 2050, a 2 bilhões de pessoas, 32 milhões apenas no Brasil, um dos principais tópicos debatidos no Conasss foi a assistência domiciliar, ou seja, o atendimento do paciente – geralmente idoso, com doença crônica ou em estado terminal – em casa, com visitas periódicas de equipes médicas interdisciplinares. “Nos últimos dez anos, esse tema vem sendo muito debatido em todo o mundo”, constata a assistente social Iris Fenner Bertani, da

Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca, que coordenou um curso pré-congresso sobre o tema e que foi nomeada presidente do II Conasss, a ser realizado em 2004.

O médico Sun Chun Yum, do Núcleo de Assistência Domiciliar Interdisciplinar (Nadi) do Hospital das Clínicas da USP, um dos palestrantes do curso coordenado por Iris, destacou justamente a importância das assistentes sociais nas equipes interdisciplinares de assistência domiciliar. “Elas são as nossas relações públicas, marcando consultas e exames e acompanhando os pacientes quando vêm ao hospital”, completou.

A assistente social da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, câmpus de

São José dos Campos, Elizete Wenzel Moreira, que coordenou uma sessão de temas livres do evento, apontou que a ação dos profissionais da área ocupa um espaço cada vez maior na sociedade. “Isso não está ocorrendo apenas na saúde. A recente Lei nº 4.011, de abril de 2002, determina que os assistentes sociais estejam presentes em todas as delegacias de polícia, atendendo as pessoas que vão prestar queixas de modo que elas não se sintam maltratadas ou humilhadas”, afirma. (Veja quadro.)

Uma das conferências mais polêmicas foi a da assistente social Sonia Streithorst, supervisora do departamento de serviço social do Jackson Memorial Hospital – instituição sediada em Miami, com 1.600 leitos e 55 mil internações/ano. A amazonense radicada nos EUA mostrou as diferenças entre as leis americanas e as brasileiras em relação ao respeito à vontade do paciente. “Nos EUA, desde que o paciente seja considerado mentalmente saudável, ele diz ao médico o que deve ser feito.

Tudo ocorre seguindo o princípio do respeito ao ser humano e à autodeterminação”, afirma.

Essa conduta ética e jurídica inclui a existência de um centro médico especializado em tratamentos sem transfusão de sangue. “Voltado inicialmente para atender os seguidores da doutrina Testemunhas de Jeová – que, por motivos religiosos, não admitem receber doações –, nosso centro, pioneiro no mundo, consegue realizar hoje transfusões de fígado sem transfusão de sangue”, comentou.

Outra convidada internacional, a assistente social peruana Pilar Valera de Villegas, da Associação de Assistentes Sociais de Empresas (ASEM), voltou-se mais para a necessidade de as profissionais promoverem o desenvolvimento integral do trabalhador. “A vida é um tesouro. Devemos administrá-lo na busca de uma constante educação do trabalhador em busca de uma melhor qualidade de vida tanto no desempenho profissional como no contato com a família.”

Para Sandra de Albuquerque, presidente do evento, o Conasss, tanto nas conferências internacionais como nas sessões livres, confirmou o importante papel do assistente social em questões psicossociais, econômicas e culturais. “Ele atua sempre no processo e fortalecimento do usuário com vistas à sua autonomia como cidadão”, concluiu.

Oscar D’Ambrosio

Da filantropia ao profissionalismo

A origem dos cursos de Serviço Social está atrelada à Igreja Católica, de modo que a atividade era exercida, nos anos 1930, voluntariamente. “Isso ainda é marcante. Basta verificar que o Dia do Assistente Social, 15 de maio, é a data da promulgação, por Leão XIII, em 1891, da Encíclica Papal *Rerum Novarum*, sobre a condição dos operários, que dá início a um conjunto de ensinamentos em matéria social conhecidos como Doutrina Social da Igreja, que reconhece a acumulação da riqueza nas mãos de poucos e

propõe uma maior atenção das associações laicas para combater essa diferença”, explica a assistente social Noemia Pereira Neves, professora voluntária vinculada da FHDSS, câmpus de Franca, e especialista na história da profissão, presente no Conasss.

Embora as assistentes sociais tenham progressivamente se profissionalizado, ainda há aqueles que vêem a profissão com certo preconceito. “Muitos ainda associam a ação da assistente social à filantropia”, analisa a socióloga Ione Morita, da Faculdade de Medicina (FM) da

UNESP, câmpus de Botucatu, que realizou, no I Conasss, conferência sobre “A competência e os níveis de atuação dos Conselhos de Saúde”. “Este século, porém, com a grande demanda de reivindicações sociais, promete ser de grande expansão para os assistentes sociais”, acredita a assistente social Maria Odete Simão, também da FM, que coordenou, durante o evento, painel sobre “A atuação integrada das organizações societárias com os serviços de saúde”.

(O.D.)



Fotos Amâncio Chiodi



Sandra e Sonia (com microfone): debates



COLEÇÃO

Produção acadêmica

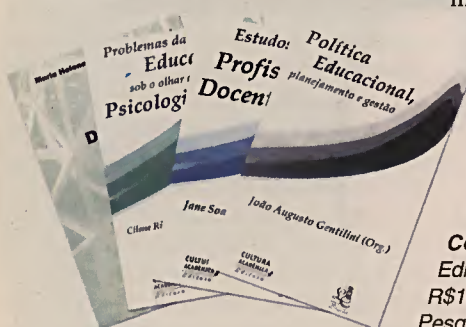
Dando continuidade a um trabalho iniciado em 2001, o Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, publica quatro novos títulos, três da coleção *Temas em Educação Escolar* e um da série *Trilhas Lingüísticas*. "Estas obras valorizam a produção acadêmica de nossa unidade", afirma

o coordenador do Laboratório, Luiz Gonzaga Marchezan, da FCL. Os livros da série *Trilhas Lingüísticas* são: *Problemas da Educação sob o Olhar da Psicologia*, organizado por Cilene Ribeiro de Sá Leite Chakur, do Departamento de Psicologia da Educação; *Estudos sobre a Profissão Docente*, coordenado por Jane Soares de Almeida, do Departamento de Didática; e *Política Educacional: planejamento e gestão*, sob a responsabilidade de João Augusto Gentilini, do Departamento de Ciências da Educação. *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*, coordenado por Maria Helena de Moura



Amâncio Chiodi

Neves, do Departamento de Lingüística, título lançado da série *Trilhas Lingüísticas*, reúne trabalhos do XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, realizado em Niterói, RJ, em 2000. "São volumes que mostram a competência da FCL em diversas áreas do conhecimento", conclui Marchezan.



Coleção Temas em Educação Escolar e a série Trilhas Lingüísticas – Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara; R\$10,00. Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 223, na Seção de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Saepe) ou saepe@fclar.unesp.br

PATRIMÔNIO

Os eleitos da Unesco

Embora sejam muito diferentes entre si, as belezas naturais da mata Atlântica e as ruínas jesuítas gaúchas de São Miguel das Missões têm um importante ponto em comum. Ambas ajudam a preservar a identidade cultural do Brasil e são

consideradas, pela Unesco, Patrimônio da Humanidade, o que significa garantia internacional de proteção contra qualquer tipo de destruição. Para descrever e contar a história dessas localidades, o professor de artes plásticas Percival Tirapelli, do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, lançou, em 2001, *Patrimônios da Humanidade do Brasil – World Heritage Sites of Brazil* (Editora Metalivros), que descreve a importância e a situação atual de 14 dos 17 sítios brasileiros que receberam essa classificação. "Toda essa riqueza é vista sob o ponto de diversas áreas do conhecimento", afirma.

Para que os jovens tivessem acesso a esse rico material, está sendo lançado *Conhecendo os Patrimônios da Humanidade do Brasil*, uma edição "filhote", a preço mais acessível, com 120 ilustrações em vez das 280 do original. Uma prova de que a idéia foi bem recebida é a aquisição pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo de mais de 3.700 exemplares para distribuição nas escolas da rede. "A obra nos ajuda a entender que não se constrói nem se transforma um país sem preservar a sua identidade", alerta o docente do IA.



Igreja de São Francisco de Assis/Henry Yu (Tibeto)

Conhecendo os Patrimônios da Humanidade do Brasil – Percival Tirapelli (pesquisa e texto); Editora Metalivros; 96 páginas; R\$ 49,00; informações pelo telefone 0xx11- 3672-0355.



REVISTA

Caminhos da ética

Uma ampla discussão de ética, a introdução das artes nos currículos médicos, a formação profissional em Saúde, a prática pedagógica e a antropologia nos serviços de Saúde são os principais temas da edição número 10 da revista *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, publicação que tem como proposta justamente a aproximação entre diversas áreas, envolvendo o ensino superior, como políticas públicas, inovação e busca constante da qualidade. O artigo inicial da publicação, que enfoca justamente a ética neste início de século, é da historiadora da educação Carlota Boto, do Departamento de Ciências da Educação da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara. "Pensar a política educativa mundial nos tempos de globalização requer o entrelaçamento de variados aspectos, para abarcar as esferas global, local e nacional", diz. O volume traz ainda uma entrevista sobre as relações entre ética, ciência e universidade com o filósofo Roberto Romano, da Unicamp, realizada por Maria Lúcia Torralles-Pereira, do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de



Day Dream, de Daniel Nevins

Botucatu, e Adriana Ribeiro, assistente editorial da Revista. "O compromisso ético da universidade é com a sociedade na qual ela se insere. Ela é sempre relacional, que se traduz em informações para o social", afirma na entrevista.

Interface: Comunicação, Saúde, Educação – Fundação UNI-Botucatu, disciplinas pedagógicas de pós-graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. Volume 6. Número 10; 146 páginas. Assinatura anual (R\$ 25,00) e institucional (R\$ 35,00). Informações: (0xx14) 6802-6232, intface@fmb.unesp.br ou www.interface.org.br



HISTÓRIA

O mundo do café

Durante o século XIX e as primeiras décadas do XX, o Estado de São Paulo foi sinônimo de café. A economia brasileira também se baseava no produto, que determinou até um estilo de vida, que tinha seu símbolo mais evidente nos luxuosos palacetes da Avenida Paulista, na Capital. A virada do século sob a ótica dos proprietários e trabalhadores nas fazendas de café é o tema deste livro da historiadora Tania Regina de Luca, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis. Planejada para crianças a partir de 10 anos e fartamente ilustrada, a obra mostra como o café chega ao Vale do Paraíba, sendo fartamente plantado até esgotar as terras. Começa, então, nas duas últimas décadas do século XIX, a expansão das plantações pelo Oeste paulista, região que se tornou um "mar



Colheita de café, de Ruggendas

são ferroviária relacionada ao café – fator fundamental para o povoamento do Interior paulista – também é analisada, assim como as relações de trabalho e a mecanização da lavoura. "Com o fim do tráfico negreiro e o agravamento da falta de mão-de-obra, os fazendeiros se voltaram para o trabalho dos imigrantes", afirma. O livro conta ainda com uma cronologia, indicação de filmes e bibliografia sobre o período.

Café e modernização: o campo e a cidade na virada para o século XX – Tania Regina de Luca; Editora Atual; 40 páginas. R\$ 14,00. Informações: (0xx11) 3613-3030.



A dama do *nouveau roman*

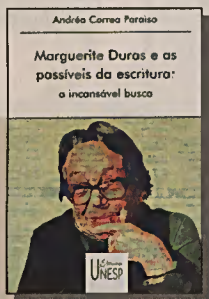
Ensaio mostra como Marguerite Duras derruba limites entre biografia e ficção

OSCAR D'AMBROSIO

Entre 1955 e 1970, uma onda de jovens escritores renovou a literatura francesa. Unidos pelo sentimento de recusa ao romance tradicional, eles defendiam a utilização do autor onisciente e da análise psicológica como forma de expressão. Essa tendência – denominada *nouveau roman* – tinha nas suas fileiras nomes do calibre de Natalie Sarraute, Alain Robbe-Grillet, Claude Simon, Michel Butor e Marguerite Duras (Vietnã, 1914 – Paris, 1996), considerada, desde o início da carreira, polêmica, ousada e inovadora pela crítica francesa.

Marguerite Duras e os possíveis da escritura: a incansável busca, de Andréa Correa Paraíso, estuda justamente o processo criador de uma escritora, dramaturga, roteirista e integrante da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial que, em diversas entrevistas, confessou que seus romances tomam a sua experiência biográfica como principal motivo de textos densos em que a solidão e a monotonia do cotidiano predominam.

Originalmente uma dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, o livro analisa *Un*



Marguerite Duras e os possíveis da escritura: a incansável busca – Andréa Correa Paraíso; 144 páginas; R\$ 24,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

barrage contre le Pacifique (1950), *L'Éden cinema* (1977), *L'amant* (1984), que obteve o prestigiado Prêmio Goncourt e foi adaptado para o cinema, em 1992, por Jean-Jacques Annaud, e *L'amant de la Chine du Nord* (1991), para discutir o estilo que perpassa o processo de produção artística da escritora.

Professora assistente do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, onde leciona Literatura Francesa, a autora mostra inicialmente como a prosa de Duras mescla linguagens oriundas do teatro, do cinema e do romance.

Em seguida, Andréa se concentra na ruptura entre a autobiografia e a ficção. O estudo recai, nos livros enfocados, sobre as fronteiras entre a confissão pessoal e aquilo que é produto de sua imaginação. O resultado, segundo o livro, é uma escrita inovadora que recria a biografia em nome do exercício com a palavra.

O livro, em síntese, exalta Duras como uma artista da palavra plenamente consciente do seu ofício de escritora e do seu trabalho com a linguagem. Nesse ofício, é apontada como mestre no ato de recordar, reviver, reinterpretar a realidade no exercício de utilizar a escrita para revisitar a própria vida.



Jane March, em cena do filme *O amante*, de Jean-Jacques Annaud, 1992. Reprodução

“Um dia, eu já tinha uma certa idade, no hall de um prédio público, um homem veio até mim. Ele se apresentou e me disse: ‘Eu conheço desde sempre’. Todo mundo diz que a senhora era bonita quando jovem. Eu vim lhe dizer que, para mim, a senhora é mais bonita agora do que quando jovem. Gosto menos do seu rosto de moça do que o de agora, devastado.”

Trecho de *O Amante*, de Marguerite Duras



Homenagem ao fascismo, que Gramsci (no detalhe) condenava

Antonio Gramsci (1891-1937), preso em 1926, pela polícia fascista de Mussolini, era então secretário-geral do Partido Comunista da Itália e deputado no parlamento italiano. Quando morreu, 9 anos depois, sem ter sido posto em liberdade, produziu uma obra que o notabilizaria como um dos maiores intelectuais do século XX. Os “cadernos” que escreveu no cárcere, publicados a partir de 1948, tornaram-se uma obra clássica das ciências sociais – os conceitos e categorias que formulou e/ou trabalhou (como “hegemonia”, “sociedade civil”, “revolução passiva”) foram incorporados de forma definitiva por todas as ciências humanas e nas análises até mesmo jornalísticas.

Publicados em sua maior parte na década de 1960 por Ênio Silveira pela Editora Civilização Brasileira, ganham agora uma nova tradução – cuidadosa e brilhantemente preparada por Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara –, acrescida e enriquecida de notas e outros textos não publicados anteriormente, e com novo ordenamento.

Vem a público agora o quinto volume da edição brasileira dos *Cadernos do cárcere*, *O Risorgimento*, *Notas sobre a Itália*, particularmente atraente para os estudiosos da obra de Gramsci. Trata-se de material em sua maior parte inédito em nosso País: os cadernos especiais sobre o *Risorgimento* e sobre as classes subalternas, reunidos

neste volume ao lado de um grande número de notas sobre a história italiana, nunca foram integralmente publicados entre nós e constituem um dos grandes eixos da pesquisa empreendida por Gramsci em seus anos de cárcere, a partir de 1926. Tratava-se, para aquele teórico e político marxista, de realizar o “reconhecimento do terreno nacional” da forma mais exaustiva possível, ao analisar o processo de formação tardia do Estado italiano no século XIX: exatamente, o que se convencionou chamar de *Risorgimento*.

Deste ponto de vista, uma das categorias que Gramsci utilizou para entender o processo do *Risorgimento* é particularmente significativa: trata-se da categoria de “revolução passiva”. Originalmente, esta categoria tinha sido empregada por um historiador napolitano, Vincenzo Cuoco, para definir a breve experiência da república em sua cidade, no final do século XVIII, embebida pelas ideias “francesas”.

Gramsci retoma e modifica o conceito de revolução passiva. Aplica-o ao *Risorgimento*, no sentido de que, também na construção do moderno Estado italiano, as elites políticas e econômicas não



Farabollatato, Milão. Reprodução

Revolução sem revolução

Gramsci aponta caminhos para a democratização das relações sociais

JOSÉ ANTONIO SEGATTO

tinham sido capazes de *hegemonia* no sentido pleno da palavra: recessos do radicalismo da experiência francesa, não incluíram as reivindicações camponesas em seu programa.

Revolução passiva ou “revolução sem revolução” ou ainda “revolução-restauração”, para Gramsci, ao contrário da revolução realizada a partir “de baixo”, de caráter jacobino, implica em dois momentos básicos: o da “restauração” (como reação a qualquer possibilidade de transformação radical) e o da renovação (incorporação, pelas classes dominantes, das reivindicações das classes dominadas). Portanto, uma revolução feita por modificações moleculares, que só progressiva e lentamente promove mudanças parciais, através do transformismo.

Naturalmente, se o Estado italiano se mostrava incapaz de incorporar plenamente os “de baixo” a seus mecanismos institucionais, se se mostrava impotente para achar soluções progressistas para o desenvolvimento econômico do país, isto era o reflexo de um déficit de hegemonia por parte das elites dirigentes. Estava aberto, assim, o caminho para a estéril retórica nacionalista de direita e para as aventuras colonialistas como suposta saída para o drama das empobrecidas populações rurais; fundamentalmente, na falta de capacidade hege-

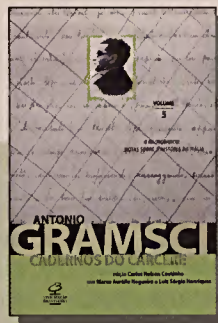
mônica, estava aberto o caminho para o recurso à força e à violência aberta, quando se apresentasse uma conjuntura de crise “orgânica”. O fascismo era a prova mais clara deste caráter insuficientemente democrático da formação e funcionamento do Estado na Itália.

O conceito de revolução passiva, como dissemos, é uma das chaves para a apreensão do texto gramsciano. Além disso, hoje, pode-se fazer com esse termo uma operação semelhante à que o próprio Gramsci fez em relação a Vincenzo Cuoco, isto é, retomá-lo e ampliá-lo, para dar conta de processos sociais contemporâneos cujos atores parecem arrastados pelos “fatos”, incapazes de os dominarem e de neles imprimir uma direção intelectual e moral de feição inclusiva e politicamente democrática.

O que assim vem à baila é a possibilidade de aplicar o termo como uma categoria interpretativa de realidades sociais e econômicas que parecem incontroláveis, especialmente do ponto de vista dos “de baixo”. Se esta operação for bem-sucedida, ficaria clara sua possível incidência política, ao iluminar meios e modos de intervenção democrática em processos aparentemente ingovernáveis e dotados de força natural, tal como nos dizem ser a globalização. Seria um resultado não propriamente paradoxal, em se tratando de Gramsci, um intelectual que soube, como poucos outros, aliar a fineza necessária de análise política e histórica com o empenho constante em agir no sentido da democratização das relações sociais.

José Antonio Segatto é sociólogo e diretor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.

Cadernos do cárcere: O Risorgimento, notas sobre a Itália – Antonio Gramsci; volume 5 tradução de Luiz Sérgio Henriques; edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques; Civilização Brasileira; 464 páginas; R\$ 41,90. Informações: (0xx21) 2585-2000.



O outro lado do atleta

Pesquisas estudam depressão e homossexualismo

O lema “esporte é saúde” pode ser verdadeiro para os que praticam regularmente uma atividade física apenas com o intuito de manter a forma e de não ficar esbaforido ao ter que subir uma escada. Para atletas de competição, no entanto, a realidade é outra. Cada dia de treinamento exige uma superação de limites e, quando isso não ocorre, o desempenho geralmente é abaixo do esperado. “A Psicologia do Esporte ainda é algo novo no Brasil. Dirigentes e treinadores preocupam-se muito com o físico de seus atletas, mas ainda revelam despreparo para tratar de questões emocionais ou para lidar com preconceitos no meio esportivo”, aponta o educador físico Afonso Antonio Machado, professor do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Rio Claro.

Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte do IB, Machado, membro da Sociedade Internacional de Psicologia de Esportes, realiza pesquisas com temas tabus no mundo esportivo, como depressão e homossexualismo, que apresentou, em

maio de 2001, no Congresso Mundial de Esportes, realizado em Skiathlos, na Grécia. “Nas minhas pesquisas, a maioria dos atletas se queixou do tratamento psicológico frágil que recebe dos clubes para enfrentar as rotinas de treinamentos e jogos, que exigem muita concentração e equilíbrio mental”, alerta.

Machado aponta que 12% das mulheres e 8% dos homens da população mundial apresentam quadros de depressão. Por isso, os treinadores não poderiam ignorar o problema. “É possível identificar a depressão quando certos sintomas, como sentimento de angústia, insônia ou excesso de sono, perda de apetite e pensamento freqüente na morte, são encontrados por mais de duas semanas”, aponta. “O treinador pode observar ainda sintomas como tensão excessiva, choro fácil, irritabilidade e somatizações, como sucessivas dores musculares ou mal-estar gástrico”, comenta.

Um jogador em depressão apresenta desempenho abaixo da expectativa, diminuição da dedicação aos treinos, aumento da freqüência de lesões, isolamento em relação aos companheiros e mudança de comportamento. “Num não-atleta, uma chateação é perfeitamente aceitável, mas, num atleta de alto nível, é preciso ter certeza de que não prejudicará o treinamento”, diz o docente.

Após estudar duas equipes de vôleibol masculino adulto do Estado de São Paulo, Machado concluiu que as principais causas da depressão são perda de prestígio ou da posição de titular, problemas afetivos e baixo rendimento. “A incidência de transtornos mentais é maior antes de partidas decisivas, após os jogos, independente do resultado, e se agrava com as derrotas”, diz o professor da UNESP.

INCLINAÇÃO

Se os atletas depressivos são vítimas de exclusão e preconceito por parte dos colegas no mundo do esporte competitivo, a situação se agrava quando se trata



O artista, de Pablo Picasso



Hélio Toth

Machado: preconceito e temas tabus

do homossexualismo. O educador físico Afonso Antonio Machado, do IB da UNESP, câmpus de Rio Claro, entrevistou 218 atletas masculinos, em Jogos Abertos do Interior Paulista, de 1999 e 2000, de modalidades esportivas individuais e coletivas por meio de contatos que se iniciavam no momento da competição e continuavam por meio de cartas ou e-mails. “Desse universo, 26 atletas confirmaram sua inclinação homossexual e me permitiram discuti-la com a família, que deu a entender que aquela situação era passageira e que mudaria com a maturidade”, conta o pesquisador, que recebeu ainda a confirmação de orientações homossexuais de 11 técnicos de equipes esportivas, seis preparadores físicos e três dirigentes esportivos.

Para Machado, o medo da exclusão, da humilhação e da chacota reforça o pre-

conceito contra o homossexualismo no esporte de competição”, diz Afonso. “Muitos atletas dissimulam suas preferências sexuais. Com medo da discriminação em função do machismo no meio esportivo, da cobrança dos dirigentes e do sensacionalismo da imprensa, assumem papéis heterossexuais para o grupo social externo, mas levam uma vida matrimonial homossexual.”

O medo de perdas salariais, de ser dispensado da equipe e a vergonha de revelar sua depressão ou condição homossexual são apontados pelos próprios atletas como fatores que os levam a não conversar sobre o que sentem ou a esconder a sua preferência sexual. “O diálogo claro e sincero entre a comissão técnica e o atleta é sempre o melhor caminho”, conclui o docente do IB.

Oscar D’Ambrosio

BASQUETE

Eficientes deficientes

Equipe sobre rodas disputa campeonato paulista

O basquete exige resistência física, rapidez e precisão. Essas habilidades são essenciais para que o jogador se destaque, mesmo que ele seja um deficiente. Um grupo de 12 jogadores integrantes de um programa de extensão universitária oferecido pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, vem provando isso. Treinando desde 1999 sob o comando do educador físico Paulo Roberto Brancatti, a equipe revela tão boa performance nas quadras que chamou a atenção dos dirigentes da Federação Paulista de Basquete sobre Rodas. “Recebemos um convite para participar do campeonato estadual deste ano representando a cidade”, diz.

O certame começa em junho e se estende até dezembro. Antes disso, de 3 de maio a 2 de junho, a equipe participará do Torneio Início, em Santos. Como esta é a pri-

meira participação da equipe, que se chamará UNESP/SEMEPP (Secretaria Municipal de Esportes de Presidente Prudente), ela competirá na segunda divisão, ao lado de outros oito times, representantes de São Paulo, São Bernardo, Santos, Guarulhos, Piracicaba, Campinas, Ribeirão Preto e Mogi das Cruzes. “Será uma grande motivação para o grupo”, afirma Brancatti.

Um dos destaques da equipe é o pivô José Ene, 31 anos. Há 4 anos, ele perdeu os movimentos da cintura para baixo, graças a uma doença neurológica degenerativa. “Eu não levava o esporte muito a sério, mas os fisioterapeutas da UNESP me incentivaram a ingressar no programa de atividade física da faculdade e agora posso dizer que o basquete é a minha vida, minha válvula de escape para contornar os problemas”, conta. “Su-

perei depressão, passei a sair de casa com muita freqüência e oriento as pessoas na mesma condição a também praticar uma modalidade esportiva.”

Desde 2000, os atletas têm treinado com cadeiras especiais para o esporte, seis fornecidas pela Reitoria da UNESP, três pela FCT e mais três doadas pelo Banessa. “Em comparação com os modelos convencionais, elas são mais leves e possuem rodas e pneus com uma aerodinâmica que facilita o deslocamento em quadra”, explica Brancatti. Quanto às regras do jogo, não há diferenças. “Até as brigas e bate-bocas envolvendo os jogadores e conflitos entre árbitros e técnicos são os mesmos.”

Enquanto o campeonato não chega, Brancatti tem se esforçado para levantar

patrocínio para a equipe. “Calculamos em 12 mil reais o gasto total para disputar a competição”, conta. “Nosso projeto tem sido apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária, FCT e pelo SEMEPP, o que nos tem deixado animados.” Da comissão técnica fazem parte, além dos jogadores, Brancatti, que é o treinador, Eliane Ferrari Chagas, a sua auxiliar técnica, e mais seis alunos estagiários da faculdade – Cristiano Lobo da Costa, Marcos Roberto Alves, Carolina Macarena Osório, Jair Brito da Costa, Alan Giuseppe Cunha e Luciano Moreno de Freitas.

Waltair Martão



Motivação: certame começa em junho

Foto do pesquisador

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE MAIO

ARAÇATUBA

• 22 a 25/05 – 22ª **Jornada Acadêmica** de Araçatuba “Prof. Dr. Paulo Sérgio Perri de Carvalho”. Promoção: Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese, e Diretório Acadêmico “Prof. Carlos Aldrovandi”. No Hotel Riviera. Informações: <http://www.foa.unesp.br>

ARARAQUARA

• 13 a 21/05 – Período de inscrição para a XVII **Semana de Estudos Clássicos** e II **Encontro de Iniciação Científica em Estudos Clássicos**: as Antigas Artes, a serem realizados de 21 a 24/05. No Anfiteatro A da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 133, se6@warj.med.br ou www.exmachina.com.br/sbec-SE6/xvii

BOTUCATU

• 6/05 – Último dia de inscrição para o curso “**Comportamento Animal**”, a ser realizado nos dias 6, 8, 13, 15, 20, 22 e 27/05. Na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ). Informações: (0xx14) 6821-9063, com Roberta, ou cecavet@fmvz.unesp.br



• 10/05 – 1º **Dia de Campo da Soja Safrinha**. Promoção: Faculdade de Ciências Agrônomicas e empresas Seprotec e Corina. Inscrições no Terreiro do Café da Fazenda Experimental Lageado. Informações: (0xx14) 6802-7100.
 • 18/05 – 10º **Dia de Campo na Cultura do Milho**. Promoção: Faculdade de Ciências Agrônomicas e Residência em Ciências Agrárias. Inscrições no Terreiro do Café da Fazenda Experimental Lageado. Informações: (0xx14) 6802-7100.
 • 25 e 26/05 – I **Feira da Mandioca**. O Centro de Raízes e Amidos Tropicais (Cerat) da UNESP participa com barracas informativas, exposição de produtos, serviços e equipamentos produzidos, das 14 h às 23 h. No Espaço Cultural de Botucatu. Informações: (0xx14) 6821-9050, 6802-7158 ou 6802-7230, seccerat@fca.unesp.br ou raizes@fca.unesp.br

FRANCA

• 6 e 7/05 – Curso categorias de **Análises em Pesquisa Qualitativa**: elementos para elaboração, com a antropóloga Maria Cecília Minayo de Souza. Promoção: programa de Pós-Graduação em Serviço Social. No Salão Nobre da Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Informações: (0xx16) 3711-1800, na Seção de Pós-Graduação, das 10 h às 11 h e das 14 h às 16h.
 • 20 a 22/05 – III **Simpósio de Direito Alternativo**. Promoção: Núcleo de Estudos de Direito Alternativo/ Centro Acadêmico de Direito. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Informações: (0xx16) 3711-1800.

ILHA SOLTEIRA

• 9 a 11/05 – Evento “**Venha nos Conhecer**”, que consiste em visitas monitoradas às instalações da Faculdade de Engenharia (FE) para

alunos e professores de ensino médio e cursos. Informações: (0xx18) 3742-1161 ou saepe@feis.unesp.br, na Seção de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

JABOTICABAL

• 23 a 25/04 – Curso **Atualidades em Suinocultura**. Realização: Departamento de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Na sala 31 da Central de Aulas “Dr. Marcos A. Giannoni”. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202, 219 e 230, eventos@funep.com.br e <http://www.funep.com.br>

MARÍLIA

• 13 a 16/05 – “**80 anos de movimento comunista no Brasil**”. Promoção do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Na Faculdade de Filosofia e Ciências. Informações: saepe@marilia.unesp.br
 • 20 a 22/05 – II **Seminário do Trabalho**. Promoção do Departamento de Sociologia e Antropologia. Na Faculdade de Filosofia e Ciências. Informações: saepe@marilia.unesp.br
 • 28 e 29/05 – “**Graduação em Questão**”. Promoção da Comissão Permanente de Ensino. Na Faculdade de Filosofia e Ciências. Informações: saepe@marilia.unesp.br

PRESIDENTE PRUDENTE

• 6 e 7/05 – **Semana da Engenharia Cartográfica** e IX **Sagec** (Seminário de Avaliação da Graduação em Engenharia Cartográfica). Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 229-5325, com Cidinha, ou <http://www.prudente.unesp.br/engcart>
 • 27 a 29/05 – VI **Semana de Estatística**. Realização: Conselho do Curso de Estatística e Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 229-5385, estatistica@prudente.unesp.br ou vilma@prudente.unesp.br

RIBEIRÃO PRETO

• 9 a 11/05 – 1º **Congresso Brasileiro de Legislação Ambiental, Bioética e Biodireito**. Participação de Mário Benincasa, do Centro de Estudos Ambientais (CEA), câmpus de Rio Claro, da UNESP, e Cláudio José Van Zuben, do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro. Na Faculdades COC, Rua Abrahão Issa Halack, 980. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202/219/230 e eventos@funep.com.br, no Setor de Eventos da Funep, em Jaboticabal.

RIO CLARO

• 10/05 – Último dia de inscrição para o I **Treinamento para Detecção, Diagnóstico e Tratamento (intervenção breve) em Alcolismo**, a ser realizado em 17 de maio. Realização do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro, e Unamos, da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu. Na Casa do Médico - APM Rio Claro. Inscrições na Seção de Graduação do IGCE pelo telefone (0xx19) 526-2230, das 9 h às 11 h e das 14 h às 16 h.
 • 16 e 17/05 – 47ª **Reunião Brasileira da Sociedade Internacional de Biometria**. No Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro. Organização: Departamento

de Estatística, matemática Aplicada e Computação. Informações: <http://black.rc.unesp.br/47rbras> ou 47rbras@rc.unesp.br



• 18/05 – Curso **Avaliação ambiental**: método dos cinco passos. Coordenação: Sâmia Maria Tauk-Tornisielo. Carga horária: 8 horas. Das 8h30 às 12 h e das 14 h às 18h30. No Centro de Estudos Ambientais (CEA), no câmpus da Bela Vista. Informações: (0xx19) 534-0122, na Secretaria do CEA, com Gleide, cea@rc.unesp.br ou <http://www.rc.unesp.br/ib/cea>

SÃO J. DO R. PRETO

• 6 a 8/05 – XIV **Semana de Matemática** e **Reunião Regional da Sociedade Brasileira de Matemática** (SBM). Informações: (0xx17) 221-2330, com Luciene Pires, ou <http://www.ibilce.unesp.br>

SÃO PAULO

• 1ª a 3/05 – 9º **Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa**. Participação de Maria Helena Moura Neves, Antônio Soares Abreu e Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, e Valdevino Soares de Oliveira, da FCL da UNESP, câmpus de Assis. Promoção: Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (IP-PUC/SP). Na PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984. Informações: (0xx11) 3862-7640 e 3670-8528, ippucsp@pucsp.br ou <http://www.ippucsp.hpg.com.br>
 • 6 a 10/05 – Curso “**A montagem de uma livraria**”, com Aldo Bocchini, proprietário da

Livraria da Vila. Carga horária: 20 h. Das 17 h às 21 h. Na Universidade do Livro, Praça da Sé, 108, Centro. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

• 10/05 – Palestra “**Raios cósmicos: o mistério continua**”, de Carlos Escobar, da Unicamp, no ciclo “Física ao Entardecer”. Às 18h30. No IFT. Na Rua Pamplona, 145. Informações: (0xx11) 3177-9016/9029 ou vicente@ift.unesp.br
 • 10/05 – Último dia para inscrição na primeira edição da **Mostra de Tecnologia da UNESP**, a ser realizada em outubro. Promoção da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (Propp). Formulário eletrônico disponível em <http://www.unesp.br/propp/mostra/inventario> Informações: (0xx11) 252-0628.

• 13 a 17/05 – Curso “**Direitos Autorais**”, com Arnaldo Vuolo, advogado especializado nas áreas de Direito do Autor, Direitos Conexos e Direito de Imagem. Carga horária: 20 horas. Das 18 h às 22 h. Na Universidade do Livro, Praça da Sé, 108, Centro. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

• 20, 22, 27 e 29/05 – Curso “**Teoria e Prática da Tradução**”, com Nilson Carlos Moulin Louzada, jornalista e tradutor. Carga horária: 12 horas. Das 15 h às 18 h. Na Universidade do Livro, Praça da Sé, 108, Centro. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

• 22 a 24/05 – IV **Simpósio de História da Religião** - O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos. Promoção da Associação Brasileira de História da Religião (ABHR). Na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Benedito Miguel Gil, da UNESP, participa da Comissão Científica. Informações: <http://www.femanet.com.br/ivs-simpósio> ou bmgil@femanet.com.br

• 23 e 24/05 – Curso “**Identidade Visual**”, de Isabel Carballo, responsável pela criação de capas de livros e produção editorial em várias editoras. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro, Praça da Sé, 108, Centro. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

• 24/05 – Último dia de inscrição para o Curso de **Extensão Universitária 2002**, a ser realizado de 22 a 26 de julho. Coordenador: Rogério Rosenfeld. No Instituto de Física Teórica (IFT), na Rua Pamplona, 145. Informações: (0xx11) 3177-9027, com Meire Cristina, na Seção de Pós-Graduação, <http://www.ift.unesp.br> ou cursoextensao@ift.unesp.br

COMUNICAÇÃO

Interação de linguagens

Os desafios que os profissionais da área de comunicação enfrentam, a cada dia, diante do dinamismo imposto pelas novas tecnologias da informação, serão o tema do Encontro de Comunicação 2002, intitulado “Comunicação: linguagens em interação”, promovido pelo Curso de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC), câmpus de Bauru. Coordenado pelo professor da Disciplina de Semiótica do curso de Jornalismo, Adenil Alfeu Domingos, o evento acontece, de 7 a 9 de maio, no câmpus da UNESP, em Bauru. Para o coordenador, os profissionais de comunicação, muito mais que os de outras áreas, são os que mais sentem o

momento de transição enfrentado pelo processo de produção e de veiculação de informações. “É preciso discutir as linguagens midiáticas”, diz Domingos. O Encontro congrega pesquisadores, docentes, formadores de opinião e alunos de graduação e pós-graduação de várias instituições, como USP e PUC/SP, além da FAAC. Os temas das palestras, grupos de discussão, mesas redondas e minicursos têm como foco o desenvolvimento da pesquisa científica em comunicação, o sincretismo das linguagens, a ética e a cidadania no contexto da comunicação e as tecnologias globais. Informações: (0xx14) 221-6000 ou saepefaac@bol.com.br



Regina Agrella

A poesia pantaneira

Pesquisador recupera narrativas orais repletas de mitos e lendas



Pantanal: imensidão de 140 mil m² e moradias típicas (detalhe)

Os melhores momentos da poesia brasileira não estão apenas no derramamento romântico de um Álvares de Azevedo, na grandiloquência do antiescravocrata Castro Alves, no lirismo de Manuel Bandeira ou no amor ao cotidiano de Adélia Prado. Críticos como Silvio Romero, nos anos 1940, já apontavam que a “poesia de verdade” estava entre o povo, nos rincões do País, à beira do fogo, entre violeiros e contadores de histórias. “Com essa idéia na cabeça, mergulhei, durante três anos, na literatura oral do Pantanal mato-grossense, marcada pela cultura, sociabilidade e criatividade do homem local”, diz Frederico Augusto Garcia Fernandes, que apresentou, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis, uma dissertação de mestrado justamente sobre as narrativas orais da região.

Intitulado *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, a pesquisa, lançada pela Editora UNESP na forma de livro, em 1º de maio, durante a Bienal do Livro de São Paulo, exigiu uma pesquisa detalhada e paciente. “É um trabalho diferente. Em vez de ficar preso a estantes de bibliotecas, fui ao campo, ouvir os contadores de histórias”, diz o autor, que atualmente leciona Teoria Literária e Literatura e Ensino na Universidade Estadual de Londrina, PR, onde desenvolve projetos ligados a poesia oral, leitura e ensino de literatura.

Paulistano, Fernandes foi morar em Corumbá, MS, no início da década de 1980, onde se formou em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e se maravilhou com a literatura oral local, que começou a se aprofundar em meados daquela década, num estudo que o levou à sua dissertação de mestrado. “Foram três anos de entrevistas e coleta de narrativas orais no Pantanal sul-mato-grossense”, conta.

No período, foram ouvidas 27 pessoas, todas filmadas e gravadas em

fitas cassete, num total de mais de 50 horas de material. “O objetivo foi preservar gestos e expressões faciais que influenciam na forma de comunicação. A visualização dos gestos ajuda a transcrição do material realizada no livro e, principalmente, é uma tentativa de preservar o modo de falar dos entrevistados”, conta o pesquisador. (Veja narrativa oral.)

O livro inclui a transcrição na forma original de mais de 40 histórias contadas por narradores orais como Seu Vadô, Seu Agripino, Seu Silvério e Waldomiro de Souza. “Isso inclui erros gramaticais, caçoetes, (“né”, “da”, “então”), pronúncias típicas da região, como “cum” em lugar de “com”, e outros equívocos, como “num” em vez de “não” e “zolto” indicando “olhos”. “Também não foram corrigidas concordâncias nominais e verbais ou omissão de sílabas e letras, como ocorre em ‘falano”, explica o autor.

A imensidão do Pantanal – 140 mil m² de difícil acesso, principalmente nos meses de dezembro a março, quando as chuvas inundam as estradas – levou o pesquisador a restringir os seus estudos à área urbanizada de Corumbá, com ex-moradores do campo, e a áreas próximas, como Nhecolândia e Paiaguás. “Consegui, mesmo assim, ter registros de numerosos mitos, de lugares assombrados, lembranças da Guerra do Paraguai, histórias de benzedeiros famosos, além de vaqueiros e violeiros que fizeram o pacto com o *Coisa-Ruim*”, diz.

Além de identificar onde estavam os contadores de histórias, o autor teve que realizar uma ampla pesquisa, pois lidar com a literatura exige amplo domínio de ciências como a antropologia, a sociologia e a linguística. “Várias vezes, viajei horas em estradas desertas pelo Pantanal sem o conhecimento prévio do repertório do contador que ia ouvir ou se ele permitiria que a sua narrativa oral fosse gravada”, lembra Fernan-



des. “Minha pesquisa exigiu, acima de tudo, desenvolver a arte de saber ouvir, deixando que a espontaneidade do contador venha à tona”, afirma.

Mitos gerais (bruxas, fadas e lobisomens), da água (minhocão, mulher-peixe e serpente encantada), da mata (curupira, mãozão, pombinho e saci), lendas, contos maravilhosos e “causos” de bois e boiadas estão incluídos no livro. “Há narrativas de lugares assombrados, enterros de tesouros, pessoas dotadas de poderes mágicos sobre animais e objetos e histórias sobre caçadas e enganos. “Incluí também um glossário elaborado a partir das conversas com contadores de histórias e consulta a dicionários especializados em cultura popular”, diz Fernandes. (Veja glossário.)

O pesquisador verificou que o factual e o místico se misturam nas narrativas, ainda mais quando o tema é a condução de boiadas. “A forma de narrar de cada contador é diferente, mas o que chama logo a atenção é o amplo conhecimento

que eles costumam ter da fauna e da flora”, diz o mestre pela FCL, de Assis. “Esses contadores, pessoas humildes que moram em locais afastados das grandes cidades, são essenciais para divulgar a cultura popular do Pantanal”.

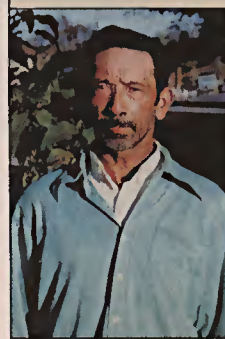
Oscar D’Ambrosio

NARRATIVA ORAL

Negrinho D’Água

Por Waldomiro de Souza

“Então, uma vez eu fui com uma tia meu, né? De chalana de voga, fomos numa fazenda Conselho, sabe? Abaixo de Porto Esperança, quase um meio dia de viajar [abre e fecha os braços como se estivesse segurando um remo]. Lá tinha um filho dela, que era encarregado da fazenda. Nós chegamos lá, fomos comer uma feijoada de carne seca, gorda, né? De feijão. Almoçamos, aí viemos embora de tarde. Ta de subida de água acima, né? Vinha passando por baixo da mota de ingazeiro, que fica caído na beira d’água assim, né? Nós passava por baixo cum a chalana. E, numa dessa, nós vem. Viemos antes de escurecer e o negrinho d’água tava subindo no galho e pulou na água. Aí, vinha atrás da chalana querendo segurar na beira da chalana, atrás. Tudo isso foi visto mesmo! Gente mesmo, né? Bem pretinho. Pois é, da água também. Essa coisa só vive n’água.”



GLOSSÁRIO

- Arredemoim** – redemoimho
- Bagual** – cavalo ou boi arisco que nunca foi ao curral
- Chalana** – embarcação de fundo chato, muito utilizada no Pantanal
- Guampa** – chifre de boi trabalhado em que se toma o tereré, bebida típica da região
- Ir de pêlo a pêlo** – expressão utilizada quando o cavaleiro não troca de montaria numa viagem
- Porco monteiro** – porco fugitivo que se criou no mato.
- Rebojo** – a parte mais funda do rio, que muitos consideram um lugar encantado
- Soguear** – deixar o cavalo pastando amarrado
- Torete** – touro pequeno
- Visonho** – lugar onde aparecem visões